



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CECILIA MARIA SANTOS SILVA

**A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PELOS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO DE
ESCOLAS PRIVADAS DE BELO JARDIM E DE CARUARU**

Caruaru

2022

CECILIA MARIA SANTOS SILVA

**A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PELOS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO DE
ESCOLAS PRIVADAS DE BELO JARDIM E DE CARUARU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Ana Cristina Barbosa da Silva.

Caruaru

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Cecilia Maria Santos.

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos professores de Língua Inglesa do Ensino Médio de escolas privadas de Belo Jardim e de Caruaru / Cecilia Maria Santos Silva - 2021.

87f.;30 cm.

Orientador(a): Ana Cristina Barbosa da Silva

TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Comunicação Social, 2021.

1. Ensino de Língua Inglesa. 2. Tecnologias da Informação e Comunicação. 3. Educomunicação. 4. Comunicação. 5. Educação. I. Silva, Ana Cristina Barbosa da II. Título.

370 CDD (22.ed.)

CECILIA MARIA SANTOS SILVA

**A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PELOS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO DE
ESCOLAS PRIVADAS DE BELO JARDIM E DE CARUARU**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Comunicação Social do Campus Agreste
da Universidade Federal de Pernambuco
– UFPE, na modalidade de monografia,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de bacharel em Comunicação Social.

Aprovado em: 30/11/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Barbosa da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ana Beatriz Nunes da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Valéria Severina Gomes (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida, pelas bênçãos que me tem concedido, pelas oportunidades na vida pessoal, acadêmica e profissional e pelo auxílio no longo, mas prazeroso processo de escrita deste trabalho.

À minha mãe e melhor amiga, Socorro Santos, pelo seu zelo, carinho e compreensão para comigo, que, com seus gestos de amor e exemplo de fé e de vida, me transmite sempre alegria e esperança, me inspirando e me incentivando com seu cuidado e palavras motivadoras.

Ao meu querido cachorro Dotty, que, com sua presença me traz alegria, com seu olhar me transmite esperança e, com seu carinho, motivação.

Às minhas tias-mãe Maria do Carmo, Maria Lúcia e Terezinha Regina, pelo apoio, estímulo e imensa dedicação, que me auxiliaram diariamente com suas palavras generosas e incentivo.

Ao meu pai José Rosivaldo e a minha avó Vanda, pelas longas conversas, pelos momentos divertidos, pelas gargalhadas e pelo grande apoio, incentivo e atenção.

À minha orientadora, Prof Dr^a Ana Cristina Barbosa da Silva, pelo trabalho em conjunto, pelas orientações, correções e sugestões, que muito contribuíram para a construção da pesquisa.

À banca examinadora, composta por Ana Beatriz Nunes da Silva e Valéria Severina Gomes, pelos construtivos comentários, sugestões e reflexões sobre esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho objetivou investigar a prática pedagógica de professores de Língua Inglesa (LI) do Ensino Médio de escolas privadas de Belo Jardim e de Caruaru, em relação ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A escolha desse tema se deu devido à convivência com o processo de ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LE), aliada ao interesse pela inserção das novas TIC nas práticas pedagógicas dos professores. Foram também levados em conta os possíveis desdobramentos comunicacionais entre estudantes, professores e sociedade, a partir da inserção das TIC nas aulas de inglês. A utilização das TIC pelos docentes de LI, com viés comunicativo, traz à tona o desenvolvimento de atividades pelos professores com seus alunos em uma perspectiva da Educomunicação: através de uma prática que utiliza as TIC para promover a comunicação dentro e fora da sala de aula. Kenski (2003), Júnior e Costa (2012) e Morán (2015) veem as tecnologias como alternativas para a prática pedagógica dos professores, uma vez que podem dinamizar e promover um processo de ensino eficiente e a comunicação no ambiente escolar. Silva e Branco (2015) demonstram que a LE também tem o papel fundamental de preparar o aluno para o mundo globalizado e torná-lo sensível e tolerante à cultura dos demais. A partir das ideias desses e outros autores, como Pereira (2011), Xavier (2002) e Mendes (2018), desenvolveu-se a fundamentação teórica, que abordou aspectos relativos à aplicação das TIC em sala de aula, às TIC e a Comunicação, ao letramento digital na prática pedagógica do professor de LI e à Educomunicação, esta através do uso das TIC nas aulas, além de ter sido traçado um breve panorama sobre o ensino de LI no Brasil. Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, sendo os dados obtidos mediante entrevistas com três professores de três diferentes escolas privadas de Belo Jardim e de Caruaru. Houve ainda a análise documental contemplando os planos de ensino dos docentes, bem como a aplicação de um questionário a cinco estudantes do primeiro professor, três da segunda professora e três da terceira. Com as análises dos dados, foi constatado que os docentes utilizam as TIC, majoritariamente, para expor os conteúdos através de slides, apesar de realizarem algumas atividades que proporcionam dinamicidade e participação,

aspectos também mencionados pelos estudantes ao avaliarem as diferenças entre as aulas ministradas com e sem o auxílio das TIC. Também foi observado que dois professores têm planos de ensino próprios, enquanto uma docente utiliza as recomendações do livro didático. Por fim, concluiu-se que, dentro do espaço de tempo que cabe aos professores, com os recursos disponíveis e dentro dos limites de seus conhecimentos a respeito das TIC, esforçam-se para inserirem atividades mais dinâmicas e eficientes às suas práticas pedagógicas. Percebe-se também que há a necessidade de que sejam criadas e colocadas em prática atividades voltadas para a comunicação, possibilitando o acesso e a produção de produtos midiáticos por meio do uso das TIC nas aulas de LI, levando em consideração a realidade dos estudantes.

Palavras-chave: ensino de Língua Inglesa; tecnologias da informação e comunicação; educomunicação.

ABSTRACT

The objective hereof was to investigate the pedagogic practice of High-School English Language (EL) teachers of Belo Jardim's and Caruaru's private schools, regarding the use of Information and Communication Technologies (ICT). This study object was chosen due to my experience with the Foreign Language (FL) teaching-learning process, both as EL student and tutor, combined with my interest in the insertion of new ICT in the pedagogic practices of the teachers of this field. Possible communicational unfolding between students, teachers, and the society, based on the ICT insertion in the English classes, was also taken into consideration. The use of ICTs by the EL faculty members, with communicational bias, makes teachers develop activities with their students in a Teaching-communication perspective: through a practice that employs ICTs to promote communication both inside and outside the classroom. Authors like Kenski (2003), Júnior and Costa (2012), and Morán (2015) see these technologies as a alternative to the teachers' pedagogic practice, since they can also expedite and promote an efficient teaching process and the communication in the school environment. Silva and Branco (2015) showed that the EL also has an essential role in preparing the students to the globalized world and to make them sensible and tolerant towards the culture of others. Based on the ideas of these and other authors, like Pereira (2011), Xavier (2002), and Mendes (2018), the theoretical basis was developed. It approached features related to the application of ICTs in the classroom, to ICTs and Communication, to digital literacy in the pedagogic practice of EL teachers, and to Teaching-communication, this through the use of ICTs in classes, in addition to giving an idea of EL teaching in Brazil. This research was made with a qualitative approach, as the data were obtained from interviews with three teachers of three different private schools of Belo Jardim and Caruaru. A document analysis was also made, encompassing the teachers' teaching plan, and the application of a questionnaire to five students of the first teacher, three of the second, and three of the third. Based on the data analyses, it was possible to establish that the teachers use ICTs mostly to expose the contents through slides, although some activities could provide some interaction and participation, features also mentioned by the students while evaluating the differences between the classes taught with and without the assistance of ICTs. It was also possible to notice that two teachers have their own teaching plans, as one teacher uses the textbook's recommendations. Finally, it was possible to conclude, within the timeframe granted to the teachers, with the available resources, and within the limits of their knowledge regarding ICTs, that they make efforts to add more dynamic and efficient activities in their pedagogic practices. It is also possible to notice that communication-oriented activities should be created and practiced, allowing the production of media products through the use of ICTs in EL classes, taking the students' reality into consideration.

Keywords: english language teaching; Information and Communication Technologies; educommunication.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ASPECTOS TEÓRICOS RELATIVOS À UTILIZAÇÃO DAS TIC EM SALA DE AULA.....	15
2.1	Tecnologias da Informação e Comunicação e a Comunicação.....	15
2.2	Letramento digital na prática pedagógica do professor de Língua Inglesa.....	17
2.3	A Educomunicação por meio do uso das TIC nas aulas de inglês..	19
2.4	Ensino de Língua Inglesa no Brasil e as Tecnologias da Informação e Comunicação.....	22
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
4	PROFESSORES E USO DAS TIC EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	32
4.1	Percepção dos professores de LI quanto à utilização das TIC em suas aulas.....	32
4.1.1	Professor P1.....	32
4.1.2	Professora P2.....	38
4.1.3	Professora P3.....	45
4.2	Análise dos planos de ensino.....	53
4.2.1	Plano de ensino do professor P1.....	53
4.2.2	Plano de ensino da professora P2.....	57
4.2.3	Plano de ensino da professora P3.....	61
4.3	Respostas do questionário enviado aos estudantes.....	66
4.3.1	Respostas dos estudantes do professor P1.....	67
4.3.2	Respostas dos estudantes da professora P2.....	72
4.3.3	Respostas dos estudantes da professora P3.....	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS.....	85

1 INTRODUÇÃO

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) permeiam o cotidiano das sociedades modernas.¹ Computadores pessoais, câmeras de foto e vídeo, CDs e DVDs, internet e Wi-Fi são alguns exemplos destas tecnologias que passaram a contribuir para a captação, transmissão e distribuição das informações de forma mais rápida e horizontal, seja por meio de vídeos, imagens, textos escritos ou áudios (VELLOSO, 2011, p. 2-3). Cada vez mais presentes nos mais diversos setores sociais, as TIC contribuíram para o surgimento de novas possibilidades de divulgação de informações e produção/compartilhamento de conteúdos e conhecimentos, bem como para a comunicação entre as pessoas. Velloso (2011, p. 4) aponta que as novas tecnologias “relacionadas à revolução informacional oferecem infraestrutura comunicacional que permite a interação em rede de seus integrantes”. E dentro deste contexto de interação, as TIC se difundiram pelos mais diversos âmbitos da sociedade, incluindo o ambiente escolar, mais especificamente no processo de ensino-aprendizagem. Nas salas de aula, as TIC podem ser utilizadas pelos professores de uma maneira que, além de auxiliarem no processo de ensino, promovam o uso dessas tecnologias no dia-a-dia dos estudantes. Assim, os estudantes poderão aprender a usá-las nas mais variadas práticas cotidianas e nos mais diversos ambientes, seja para questões pessoais, seja para questões coletivas. Segundo o professor José Manuel Morán (2015, p. 16), a presença da tecnologia em sala de aula faz com que o professor siga não somente “comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e cada um”, o que provoca, conseqüentemente, mudanças nas relações entre professores e alunos, entre os alunos em si e entre a escola e a sociedade, promovendo, assim, a integração de

¹ Como o próprio nome diz, as Tecnologias de Informação e Comunicação consistem em dispositivos produzidos pelo engenho humano com a finalidade de obter, armazenar e processar informações, bem como estabelecer interação entre diferentes dispositivos, possibilitando que tais informações sejam disseminadas ou compartilhadas. Diversos dispositivos se prestam a essas finalidades: calculadoras, copiadoras, impressoras, telefone, rádio, televisão, computadores (incluindo nesse conjunto os desktops, laptops, tablets e smartphones), projetores de imagem, câmeras de vídeo ou fotográficas, entre outros. Todos os dispositivos citados, sendo resultado do desenvolvimento tecnológico, incluem-se no conceito de TICs nas sociedades modernas (SANTOS, p. 15).

espaços e tempos. Estas mudanças implicam em contribuições para a prática pedagógica dos professores.

Dessa forma, a presente pesquisa propôs uma investigação de como se dá o uso dessas tecnologias por professores de Língua Inglesa (LI), no Ensino Médio (EM) de duas escolas privadas de Belo Jardim e uma escola de Caruaru, cidades do Agreste pernambucano. A iniciativa surgiu ao se ter em vista as possíveis mudanças e contribuições das tecnologias à educação e à comunicação para a prática pedagógica dos professores e a partir de uma reflexão a respeito dos benefícios e limitações das TIC em sala de aula.

A escolha deste objeto de estudo se deu devido à convivência com o processo de ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LE), especificamente de LI, tanto como estudante como tutora de LI, aliada ao interesse pela inserção das novas TIC² nas práticas pedagógicas dos professores dessa área, levando-se também em consideração o uso propriamente comunicacional das TIC na prática pedagógica. Sobre o uso das tecnologias com viés comunicacional, pode-se mencionar a possibilidade de professores e alunos entrarem em contato com outras culturas, compartilharem e obterem informações de outras partes do globo terrestre, seja por meio do celular, do computador ou a partir da internet.

A utilização das TIC pelos docentes de LI, com viés comunicativo, traz à tona o desenvolvimento de atividades com seus alunos em uma perspectiva da Educomunicação, ou seja, por meio de uma prática pedagógica que utilize as TIC para promover a comunicação tanto dentro quanto fora da sala de aula, ao mesmo tempo em que desenvolvem atividades educativas que estimulem a comunicação entre os estudantes e a sociedade. Pode-se citar como exemplo a produção de conteúdos pelos alunos de acordo com o assunto que está sendo estudado na aula de LI no momento, tendo em vista a divulgação destes conteúdos nas plataformas digitais, no formato de vídeo, áudio e imagem. Evidencia-se, portanto, a possibilidade de utilizar estas tecnologias nas aulas de LI para estimular a comunicação entre os alunos tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, tendo

² As novas TIC as quais este trabalho se refere são as tecnologias citadas na página anterior.

em vista os diversos tipos de conteúdo e plataformas de criação/divulgação de conteúdo.

Autores como Kenski (2003), Júnior e Costa (2012) e Morán (1999, 2015) veem as novas tecnologias como adequadas alternativas para a prática pedagógica dos professores, uma vez que podem dinamizar o processo de ensino e de comunicação em sala de aula. Neste sentido, as TIC, assim como trouxeram novas maneiras de se comunicar e a disseminação de informações em tempo real, podem também contribuir para a construção de conhecimentos no ambiente escolar.

No que se refere ao ensino de LI, as TIC se mostram como aliadas à prática pedagógica dos professores, pois, conforme discutido por Braga (2012), a integração da tecnologia no ambiente escolar abre portas para o mundo que se encontra além do espaço físico da sala de aula e oferece aos estudantes materiais e imersão na língua que está sendo estudada. Esta integração, segundo o autor, cria oportunidades tanto individuais quanto coletivas de desenvolvimento das habilidades necessárias para se falar um idioma (ler, escrever, falar e ouvir).

Inserida nas Línguas Estrangeiras Modernas, a LI funciona como um meio para se ter acesso ao conhecimento e, dessa forma, às diversas maneiras “[...] de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade, o que propicia ao indivíduo uma formação mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais sólida” (BRASIL, 2000, p. 26). Dessa forma, as aulas de LI, como língua estrangeira, apresentam-se como um momento propício para o uso das TIC com o intuito de ir além da intenção de desenvolver nos estudantes o entendimento das normas gramaticais e do vocabulário. Silva e Branco (2015) demonstram que a LE também tem o papel fundamental de preparar o aluno para o mundo globalizado e torná-lo sensível e tolerante com a cultura dos demais.

Por outro lado, estas mesmas tecnologias podem ser utilizadas pelo professor para a criação, desenvolvimento e compartilhamento de projetos vivenciados pelos estudantes em conformidade com o plano de ensino. Afinal, parte-se do pressuposto de que há um melhor processo de ensino-aprendizagem quando as aulas são mais dinâmicas, em consonância com a realidade dos alunos, de forma que os estudantes possam participar deste processo educativo-comunicacional.

Diante do exposto, foi visto que as aulas de LI podem ser momentos que propiciem o desenvolvimento de práticas educacionais, ao passo em que, por meio de uma comunicação entre professores e estudantes e estudantes e sociedade, contribuem para a educação. Além disso, o uso de TIC nas aulas de LI pode levar, portanto, a desenvolver nos estudantes as habilidades desejadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2000) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Os PCN e a BNCC apresentam diretrizes voltadas para a orientação dos professores, a fim de demonstrar aos docentes quais características e aspectos devem ser desenvolvidos em cada área do conhecimento. O documento também ressalta a necessidade de se desenvolverem a expressão e a compreensão orais e escritas, bem como a produção de conteúdos midiáticos próprios, que é algo cada vez mais necessário nos mais diversos âmbitos da sociedade moderna.

Por meio destas reflexões, percebeu-se que se faz necessária uma investigação de como se dá o uso das TIC pelos professores de inglês, tendo em vista o espectro de possibilidades que tais tecnologias oferecem para o ensino de LI, o que leva ao seguinte questionamento: como as Tecnologias da Informação e Comunicação são utilizadas na prática pedagógica de inglês no Ensino Médio nas escolas privadas? Assim sendo, esta pesquisa objetivou investigar a prática pedagógica dos professores de três escolas privadas de Caruaru e de Belo Jardim, no que concerne ao uso das TIC nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio. Para o estudo, portanto, foi preciso verificar a percepção do professor de língua inglesa quanto ao uso das TIC nas suas aulas, atentando para os diversos aspectos deste uso. Além disso, também foi necessário analisar os procedimentos pedagógicos destes professores, no que se refere ao uso de TIC nas aulas de LI, a partir do seu plano de aula/ensino. Por fim, a experiência dos estudantes foi confrontada com a prática pedagógica do professor de inglês, podendo, assim, averiguar a contribuição das TIC no processo de Ensino no ponto de vista do professor e do estudante, atentando para os diversos aspectos e o viés comunicativo.

As TIC surgem em um contexto em que por muito tempo perdurou, e ainda predomina, um tipo de ensino de língua inglesa que se caracteriza pela repetição de conteúdos e métodos que priorizam a gramática e a tradução. Assim, partindo do pensamento de Morán (1999, p. 1), que diz que “ensinar e aprender exigem hoje

muito mais flexibilidade [...], menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e comunicação”, propõe-se uma maneira de ensinar que tenha como base levar os alunos a se comunicarem adequadamente nas diversas situações cotidianas.

Com isso em vista, os capítulos deste trabalho contemplaram, em primeiro lugar, os aspectos teóricos relativos ao uso das TIC em sala de aula. Neste tópico, foram debatidas as questões referentes às TIC e à comunicação, assim como o letramento digital necessário para lidar com esses recursos digitais, chegando, por fim, à conceituação do termo “Educomunicação”, ponto-chave desta pesquisa. Foi feito também um breve histórico sobre o ensino de Língua Inglesa nas escolas do Brasil e a posterior inserção das tecnologias no processo de ensino do idioma. Em seguida, foram detalhados os procedimentos metodológicos utilizados no trabalho.

Por fim, foram analisados e esmiuçados os dados obtidos a partir das entrevistas com os professores, da análise documental do plano de ensino e do questionário com os estudantes, e feitas as considerações finais.

2 ASPECTOS TEÓRICOS RELATIVOS À UTILIZAÇÃO DAS TIC EM SALA DE AULA

Nesta seção, será abordada a contribuição do avanço tecnológico para a informação e a comunicação, assim como será abordado sobre o uso das novas TIC na educação, tendo em vista a perspectiva educomunicativa nas aulas de Língua Inglesa. Também será explanado sobre o letramento digital, que pode ser desenvolvido pelos professores com seus alunos, em sala de aula, a partir do estímulo para os estudantes utilizarem as TIC de maneira crítica e construtiva a favor do seu processo de aprendizagem.

2.1. Tecnologias da Informação e Comunicação e a Comunicação

Muitos são os conceitos e debates acerca do termo “tecnologia”. De acordo com o dicionário Michaelis Online (2021), tecnologia se refere ao “conhecimento técnico e científico e suas aplicações a um campo particular”. O mesmo dicionário aponta uma outra definição: “Conjunto de processos, métodos, técnicas e ferramentas relativos à arte, indústria, educação etc”. Para Kenski (2003), todas as atividades que são realizadas pelas pessoas são permeadas por produtos e equipamentos. Estes são resultado de estudos e planejamentos, que buscam melhores formas de viver. A autora conclui que é chamado de tecnologia o “conjunto de conhecimentos e procedimentos científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade [...]” (KENSKI, 2003, p. 18).

A aplicação de conhecimentos técnicos e científicos ao longo dos tempos, aliada à aplicação de processos e métodos específicos que levaram em conta a busca por melhores formas de viver, possibilitou a criação de tecnologias, como as TIC. Aplicadas aos processos e métodos em diversos campos sociais e tipos de atividade ao longo dos anos, a tecnologia possibilitou a criação de ferramentas que dinamizaram as atividades cotidianas, a disseminação de informações e a comunicação, por meio de aparelhos como o rádio e a televisão. Desde a criação da

prensa gráfica, no século XV, por Gutenberg, até o surgimento da internet, da conexão Wi-Fi e dos computadores, o avanço tecnológico materializado nessas ferramentas contribuiu para a evolução das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Segundo Castells (2009), “comunicar é compartilhar significados via intercâmbio de informação” (CASTELLS, 2009, p. 87). Ao discorrer sobre o processo de comunicação, o autor explica que esse processo é definido pela conexão de determinados fatores, a saber: “[...] pela tecnologia da comunicação, pelas características dos emissores e receptores da informação, e pelos seus códigos culturais de referência, pelos seus protocolos de comunicação e pelo alcance do processo” (CASTELLS, 2009, p. 87). É neste conjunto de fatores que é possível perceber como os recursos das TIC trouxeram novas possibilidades de comunicação, bem como de informação.

A respeito destas novas possibilidades, pode-se tomar uma das definições de comunicação apresentada por Wolton (1999). Para ele, entende-se por comunicação tanto a que se dá diretamente entre duas ou mais pessoas quanto a que se caracteriza pela mediação de tecnologias como o telefone, a televisão, o rádio e a informática (Wolton, 1999, p. 10). Neste sentido, Castells (2009, p. 88) pontua que, com a difusão da internet, exemplo de TIC, surgiu um novo tipo de comunicação, capaz

[...]de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou em um momento específico, e com a possibilidade de usar a comunicação ponto-a-ponto, sendo o alcance de sua difusão em função das características da prática comunicativa buscada.

Com isso posto, pode-se refletir acerca de algumas das mudanças trazidas pelo avanço das TIC, pois, conforme expõe Lévy (2005), “novas pessoas acedem à internet, novos computadores são interconectados, novas informações são introduzidas na rede” (LÉVY, 2005, p. 111). Assim, a sociedade, ao se apropriar dos recursos das tecnologias, participa de e provoca alterações nas maneiras de pensar, sentir e agir e de viver, trabalhar e se organizar, conforme colocado por Kenski (2003). Mendes (2018, p. 3) aponta que a sociedade que nasce dentro das possibilidades ofertadas pela TIC “comunica-se entre si de todos os cantos do

planeta e a qualquer momento” e cita como exemplo o computador, que favorece a comunicação entre as pessoas e as conectam com todo o mundo. Sobre esta nova maneira de comunicação e de disseminação da informação, Braga e Calazans (2001, p. 30) concluem que “ao se dotar de mediações tecnológicas para desenvolver as interações sociais, a sociedade não apenas acrescenta instrumentos que aceleram e diversificam sua comunicação, mas acaba por modificar seus próprios processos”.

Por estarem presentes em todo o mundo e permearem os mais diversos setores sociais, as TIC também estão presentes no ambiente escolar. A modificação dos processos de comunicação por meio da apropriação das TIC pela sociedade oferece às escolas novas possibilidades para a prática pedagógica dos professores. Entretanto, conforme Mendes (2018, p. 6), as tecnologias não têm o poder de agirem sozinhas e modificarem a sociedade por conta própria: “o que promove as mudanças é o uso que se faz das tecnologias em favor das mudanças sociais, ou seja, seu uso na comunicação, na educação e em todos os setores da sociedade”.

2.2 Letramento digital na prática pedagógica do professor de Língua Inglesa

Para se atingir o objetivo de inserir devidamente e trabalhar com os alunos as TIC em sala de aula, há um requisito importante que deve ser levado em conta: o letramento necessário para que se possa lidar com essas tecnologias. É importante que tanto professores quanto alunos estejam preparados para interagirem e se comunicarem por meio das TIC. É preciso entender a lógica de funcionamento, as configurações e aplicações destas tecnologias. Sobre este assunto, Xavier (2002, p.1) chama a atenção para o “letramento digital e ensino”, ao mencionar que “o crescente aumento na utilização das novas ferramentas tecnológicas na vida social tem exigido dos cidadãos a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos”. Isto levou ao debate sobre o surgimento de uma nova modalidade de letramento: a digital. Xavier (2002) observa que essa nova modalidade deve ser trabalhada com urgência pelas instituições de ensino. Objetiva-se, por meio do letramento, “capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e

digitais” (XAVIER, 2002, p. 1). Pinheiro e Araújo (2016) acrescentam que somente um ensino que é pautado no desenvolvimento dos mais variados tipos de letramento e não apenas no letramento tradicional, algo comum na educação brasileira, pode abrir portas para que a educação vá além dos limites físicos das instituições e passe a conceber o processo de ensino-aprendizagem como algo a ser levado para a vida, o que, por sua vez, é uma demanda do mundo globalizado. No caso específico da LI, o letramento digital se faz extremamente necessário, visto que, levando em consideração as propostas dos PCN, o ensino de língua inglesa exige um comportamento que priorize a contextualização das aulas com a realidade sociocultural dos estudantes, como será visto mais adiante. As TIC, por sua vez, se apresentam como ferramentas que podem propiciar esta conexão com a realidade para além do ambiente físico escolar. Para utilizá-las da melhor forma possível, é preciso que professores e estudantes estejam cientes das possibilidades, vantagens e limitações destas TIC, com um posicionamento flexível ante às mudanças e, ao mesmo tempo, com um pensamento crítico.

Pereira (2011) ressalta que é interessante que as escolas reflitam sobre a maneira de ensinar os estudantes, visto que as gerações mais recentes já se desenvolvem em um contexto onde predominam as tecnologias e vivem, portanto, imersos em um ambiente tecnológico. Com isso em vista, a autora afirma que a maneira de ensinar “que não seja aliada ao letramento digital, aos usos das ferramentas disponíveis através da web, parecerá (e será) desinteressante aos olhos dos aprendizes” (PEREIRA, 2011, p.379).

Os estudos de Xavier, por sua vez, partem da constatação do “desafio pedagógico” eminente: o de “letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação” (XAVIER, 2002, p. 1). É colocado como um desafio devido ao fato de a escola, ao ter como suas prioridades “alfabetizar e letrar pessoas”, estar acostumada com as maneiras de leitura e escrita tradicionais (XAVIER, 2005, p. 2). Chega à escola, então, a necessidade de trabalhar estes conceitos emergentes e desenvolver nos alunos a capacidade de lidar também com os meios digitais. Pinheiro (2018, p. 607), sobre esta questão do letramento digital, afirma que

[...]percebemos, no letramento digital, uma mescla de outros letramentos, como o letramento visual e o letramento informacional, que são praticados harmoniosamente para fazer sentido, através das tecnologias digitais, num entrelaçamento de práticas nas quais uma auxilia a outra para obtenção dos objetivos dos usuários. Nesse sentido, ressaltamos que a escola deve considerar os diversos letramentos em suas práticas [...].

Ao compreenderem o funcionamento e os possíveis usos das TIC, os alunos podem usufruir dos benefícios que as mesmas trazem para o campo educacional. Entende-se, portanto, que o letramento digital na escola está dentro de um contexto que envolve a busca pelo conhecimento e pela seleção das informações mais relevantes para determinada situação escolar. Portanto,

neste momento, os profissionais de educação e linguagem precisam desenvolver estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais (salas de aula e laboratório de informática, por exemplo) para enfrentar os desafios que estão colocados: alfabetizar, letrar e letrar digitalmente o maior número de sujeitos, preparando-os para atuar adequadamente no Século do Conhecimento (XAVIER, 2002, p. 8).

Dessa forma, o professor deve desenvolver, em conjunto com os estudantes, estratégias para que os recursos das TIC sejam mais e melhor usados nas aulas. Por meio da inserção das TIC em sala de aula, e a depender da maneira como são utilizadas, é possível proporcionar novas e eficazes experiências de ensino, contemplando uma perspectiva educ comunicativa de ensino.

2.3 A Educomunicação por meio do uso das TIC nas aulas de inglês

Ao se fazer uma breve pesquisa na internet, é possível encontrar artigos, vídeos e reportagens a respeito da Educomunicação. Professores e interessados pela área têm debatido a respeito das inovações, possibilidades e implicações que o termo abrange. O conceito “Educomunicação” foi usado pela primeira vez em 1999, “[...] designando uma prática social específica que emerge na América Latina, na interface comunicação/educação [...]” (ROMÃO, 2016, p. 22). Conforme explica Freitas (2015, p. 151), o professor Ismar de Oliveira Soares foi quem atribuiu a Mario

Kaplún a autoria deste conceito. Freitas pontua que estas duas áreas (Educação e Comunicação) compartilham diversos pontos (como a democratização da informação, da cultura e do conhecimento), de modo que tanto uma quanto a outra são fundamentais para que aconteçam, de fato, transformações e mudanças sociais (FREITAS, 2015).

A palavra Educomunicação, segundo Soares (2006, p. 11), é mais que um neologismo que agrega as palavras “educação” e “comunicação”. Para o autor, Educomunicação é um conceito que “une realmente estas duas áreas do saber, destacando um terceiro e importante elemento: a ação”. Ele acrescenta que, em outras palavras, a Educomunicação “representa uma forma de conhecimento, uma área do saber e campo de construção que possui na ação a sua tônica mais proeminente” (SOARES, 2006, p. 11). Ao ser vista como uma teia de relações, a Educomunicação pode proporcionar mudanças desde a formação de crianças, adolescentes e jovens, à medida que, de acordo com Próspero (2011) por meio das experiências de comunicação compartilhada, se abrem diante destes jovens novas possibilidades de leitura e de construção de mundo.

Neste sentido, é importante ressaltar que a Educomunicação tem como um de seus objetivos a formação de alunos críticos e de um ambiente comunicativo na escola (FILHO, 2020, p. 8), e, assim sendo, conforme Próspero (2011, p. 66),

a educomunicação reconhece, em primeiro lugar, o direito universal à expressão, sendo assim, fará todo esforço necessário para ampliar o potencial comunicativo dos membros da comunidade educativa e – no contexto de seu espaço privilegiado, que é a escola – de todos os membros desta comunidade, sejam docentes ou discentes, ou, ainda, a comunidade do entorno. Ou seja, para a educomunicação, a comunicação é vista como um direito fundamental.

Diante do fato de que a comunicação é um direito fundamental, é importante que os estudantes entrem em contato e trabalhem as linguagens da mídia, de forma a poderem usar os recursos da comunicação “tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta” (PRÓSPERO, 2011, p. 66).

A utilização e apropriação das linguagens da mídia voltadas para a comunicação é um dos pontos-chave da área da Educomunicação, que, conforme coloca Filho (2020), propõe o uso de recursos tecnológicos modernos e técnicas da comunicação no processo de ensino-aprendizagem. O autor acrescenta que, conforme o próprio nome indica, “[...] é o encontro da educação com a comunicação multimídia, colaborativa e interdisciplinar” (FILHO, 2020, p. 8).

Dessa forma, a escola, que é, conforme Modrow e Silva (2013, p. 3), “[...] uma instituição socialmente considerada como responsável pela produção e transmissão de conhecimento bem como pela socialização dos sujeitos”, encontra-se em uma posição em que se faz necessária a reflexão sobre a rápida e fácil difusão de informações e aquisição de conhecimento. Torna-se fundamental pensar como a escola pode usufruir das linguagens midiáticas na prática pedagógica em sala de aula. A proposta educacional, que preconiza o uso de recursos das novas tecnologias (como computadores, smartphones e internet) em sala de aula visando a comunicação, pode ajudar o ambiente escolar a se tornar um meio mais colaborativo, que desenvolva o pensamento crítico e que seja voltado para as questões socioculturais intrínsecas às diferentes realidades dos estudantes, que, cada vez mais, estão inseridos na sociedade tecnológica. Neste contexto da prática educacional no processo de ensino-aprendizagem, Próspero (2011) diz que

[...] é no fazer que os alunos, justamente, encontram sentido para muitas questões colocadas pela escola que, até então, pareciam desconectadas. [...] os estudantes são instigados a produzir uma comunicação que faça sentido a eles e a sua comunidade, trazendo temas que gerem discussão e pautem debates sobre soluções e problemas comunitários ou relativos às questões da juventude (PRÓSPERO, 2011, p. 67).

As TIC estão intimamente relacionadas à Educomunicação e podem ser aliadas à prática pedagógica dos professores. A este respeito, pode-se tomar como base as considerações feitas por Mendes (2018), que afirma que a integração das TIC nas práticas pedagógicas contribui para a aprendizagem dos alunos e os aproxima dos professores, e que através destas tecnologias, tanto professores quanto alunos “têm a possibilidade de construir conhecimento através da escrita, reescrita, troca de ideias e experiências” (MENDES, 2018, p. 12). As TIC utilizadas

diariamente no século XXI, como computadores, notebooks, tablets, smartphones e internet, por exemplo, oferecem uma vasta gama de possibilidades de pesquisa, criação de conteúdo, busca de informações e contam com plataformas digitais nas quais é possível compartilhar os conteúdos criados pelos próprios alunos e favorecer a comunicação entre eles, a escola e a sociedade. Estes conteúdos, no viés da Educomunicação, podem ser trabalhados pelo professor com o objetivo de fazer com que o estudante tenha a possibilidade de, além de acessar diversos conteúdos presentes nas TIC, ser o próprio autor, “[...] uma vez que pode estabelecer espaços próprios de comunicação e, a partir deles interagir com outros jovens e também adultos” (HASLINGER et al, 2016, p. 90).

As aulas de Língua Inglesa, por se caracterizarem como uma disciplina que oferece oportunidade de conhecimento de outras culturas, para além do ensino de regras e normas gramaticais, e o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, como a escuta, a fala, a escrita e a leitura, devem promover a interação entre os estudantes. Assim sendo, a partir dos procedimentos pedagógicos adotados pelos professores, é possível desenvolver práticas educacionais que instiguem o uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem. Por meio desta utilização, é possível desenvolver maneiras mais adequadas e efetivas de ensino diferentes das que são mencionadas pelos PCN sobre o ensino de LE que ainda é vigente um modelo de ensino que prioriza o aprendizado de regras gramaticais e exercícios que focam mais na habilidade da escrita, em vez de contemplar também as demais habilidades: escuta, fala, leitura.

2.4 Ensino de Língua Inglesa no Brasil e as Tecnologias da Informação e Comunicação

No Brasil, o ensino de língua inglesa surgiu no século XIX, por meio da Decisão nº 29, pelo príncipe regente D. João, durante a instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro (VIDOTTI, 2012). No século anterior, prezava-se pelo ensino das línguas clássicas como o latim, assim como acontecia na Europa durante a Idade Média. O latim e outras línguas clássicas eram ensinadas por meio de um “sistema de tradução e análise gramatical que atravessou os séculos” (VIDOTTI,

2012, p. 26). Vidotti, ao citar Howatt (1984), explica que, quando se começou a ensinar a LI no Brasil, o método era o mesmo aplicado para o ensino de latim, ou seja, por meio de regras gramaticais, interpretação de textos e uso de dicionários. A LI não era colocada, na época, como um idioma universal e sim como algo que possibilitaria a leitura de textos no próprio idioma, sem o intermédio de um tradutor, por assim dizer.

Com isso em vista, foi possível refletir a respeito dos métodos de ensino utilizados nas primeiras disciplinas de ensino de LI, o que demandou a compreensão das reformas educacionais que surgiram após este período e as novas possibilidades que surgiram com a criação das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Uma destas reformas educacionais, voltadas para o ensino de línguas, foi a de Francisco de Campos, primeiro titular do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, criada pelo decreto nº 19.402 de 14 de novembro de 1930. No que concerne ao ensino de línguas vivas estrangeiras, nas quais estava inclusa a LI, as diretrizes da reforma supracitada previam, “[...]oficialmente, pela primeira vez, a adoção do método direto intuitivo[...]”, que propunha o ensino da língua estrangeira por meio dela mesma. Este método foi instituído como método oficial de ensino pelo Decreto nº 20.833, de 21 de dezembro de 1931 (Machado et al, 2007, p. 2). Os autores ainda apontam uma outra reforma no ensino de LE, que foi a Reforma Capanema, do ano de 1942. Liderada pelo então Ministro Gustavo Capanema, a reforma deu continuidade aos projetos iniciados por Francisco de Campos. Entretanto,

[...] apesar de ter destinado 35 horas semanais ao ensino de idiomas, o que representa 19,6% em relação a todo currículo [...], 9,6% a mais que na Reforma Francisco Campos, não conseguiu colocar em prática tudo aquilo que havia sido planejado. Propunha-se objetivos instrumentais, contemplando as quatro habilidades, ler, escrever, ouvir e falar; objetivos educativos, onde se buscava contribuições para o desenvolvimento de habilidades de observação e reflexão; e culturais, que por sua vez visavam o conhecimento a respeito das civilizações estrangeiras e suas respectivas tradições e ideais (MACHADO et al, 2007, p. 4).

A Reforma Capanema, mesmo não tendo atingido todos os seus objetivos, como colocado logo acima, foi importante para se entender o momento em que a LI passou a ter mais espaço nas escolas brasileiras. Foram propostas 35 horas semanais ao ensino de idiomas, correspondendo a 15% do currículo escolar, das quais 12 horas correspondiam às aulas de LI.

O método direto, que também era proposta principal da Reforma Capanema, entretanto, foi um dos objetivos que ficou apenas no papel. Conforme explicam Machado et al (2007, p. 4), “[...] o método direto tinha se reduzido novamente ao ‘leia e traduza’, dado que muita coisa se perdeu entre o Ministério da Educação e as salas de aula”. Como alternativa a esta proposta não realizada, o Ministério da Educação substituiu o método direto pelo método da leitura.

Quase 20 anos após a Reforma Capanema, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1961, sucedida por outra versão em 1971. Tanto uma quanto a outra não incluíram as línguas estrangeiras no quadro de disciplinas obrigatórias. Machado et al (2007, p. 8) apontam que este fato representou um retrocesso no processo de ensino de LE no Brasil. A presença das LE voltou a ser obrigatória nas escolas (níveis Fundamental e Médio) com a LDB de 1996. Entretanto, ficou à cargo da escola escolher qual idioma seria lecionado em sala de aula, de maneira que o ensino de inglês tinha caráter facultativo (BRASIL, 1996, p. 11). Somente em 2017, por meio da Reforma do Ensino Médio (Lei Nº 13.415, de 2017, Art. 35-A § 4), a LI tornou-se disciplina obrigatória nas escolas, presente tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio (BRASIL, 2017). A obrigatoriedade pode ser justificada de acordo com o seguinte trecho presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que diz que

aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias (BNCC, 2018, p. 241).

O trecho da BNCC (2018) supracitado indica uma função importante do ensino de LI nas escolas. Pode-se depreender que a prática pedagógica de LI

contribui não somente para a construção de conhecimentos próprios do idioma (como gramática, vocabulário, leitura e escrita), mas também para a aproximação dos estudantes a várias culturas, integrando-os ao mundo globalizado.

O texto dos PCN (2000), por sua vez, sugere não somente o aprendizado do idioma estrangeiro em si, como também das características que estão ligadas a esta área, que são as várias culturas dos falantes nativos da língua. Os princípios apresentados no documento estão em consonância com os que foram apresentados pela Reforma Capanema, que trazia em seu objetivo cultural o conhecimento e respeito às civilizações estrangeiras e suas respectivas tradições e ideais. Contudo, apesar das tentativas de contemplar estes aspectos, o caráter prático das línguas estrangeiras não foi aplicado, conforme indicam os PCN. Alguns fatores foram apontados como causa da não-aplicação do caráter prático das LE, como a baixa carga horária reservada ao estudo de LE e a falta de professores capacitados linguisticamente e pedagogicamente (PCN, 2000). Ainda de acordo com os PCN, esses fatores não possibilitaram ao aluno desenvolver as quatro habilidades

Assim, em lugar de capacitar o aluno a falar, ler e escrever um novo idioma, as aulas de Línguas Estrangeiras Modernas nas escolas de nível médio, acabaram por assumir uma feição monótona e repetitiva que, muitas vezes, chega a desmotivar professores e alunos, ao mesmo tempo em que deixa de valorizar conteúdos relevantes à formação educacional dos estudantes (PCN, 2000, p.25).

O documento observa que essa característica monótona e repetitiva se deve ao fato de que, na escola regular, o ensino ainda se dá por meio da memorização de regras gramaticais e por exercícios de escrita que, em sua maioria, assume uma forma “descontextualizada e desvinculada da realidade” (PCN, 2000, 26). Portanto, é necessário que sejam adotadas determinadas práticas pedagógicas pelos professores, para que eles utilizem novos recursos em sala de aula, a fim de levar novas perspectivas para o processo de ensino de LI. Dessa forma, haverá a possibilidade de uma maior integração e aproximação entre os estudantes e a sociedade, como preconizado pelos PCN. Júnior e Costa (2012) enxergam nas tecnologias uma alternativa à questão da integração e aproximação colocada logo acima, pois

a tecnologia é tida como uma ferramenta de várias possibilidades no que se diz respeito à utilização de materiais autênticos, oportunidades de comunicação com aprendizes de outras partes do mundo, mobilidade de utilização (escolas, cybercafés, casa, escritório), práticas de habilidades de leitura, escrita, fala e compreensão auditiva, além de proporcionar informações atualizadas a todo momento (JÚNIOR e COSTA, 2012, p. 2).

Assim, a inserção e uso das TIC nas práticas pedagógicas dos professores de LI é um meio que pode vir a alcançar o objetivo de um processo de ensino-aprendizagem mais comunicativo, participativo e que integre escola e sociedade. As TIC, por sua vez, fazem parte do conjunto de elementos que podem proporcionar um ensino de LI mais dinâmica, participativa e vinculada à realidade do estudante.

Propõe-se, então, que as práticas pedagógicas dos professores de LI sejam voltadas para o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para o uso da língua inglesa de acordo com as necessidades sociais. O uso das TIC instiga a participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, o que pode torná-lo mais dinâmico, prazeroso, eficaz e condizente com a realidade dos alunos. Com a mediação do professor de LI, ao aprenderem a lidar com as ferramentas tecnológicas e fazerem seu uso, os estudantes poderão compartilhar o conhecimento obtido não somente com o professor e com seus colegas de classe, mas também poderão divulgá-lo para além do ambiente físico da escola, considerando a comunicação e a informação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, foi preciso ir em busca de participantes docentes e estudantes. Para isto, foram realizadas ligações telefônicas para a coordenação do Ensino Médio (EM) de escolas privadas de Belo Jardim e de Caruaru. Devido à pandemia da Covid-19 e as medidas de distanciamento e isolamento social adotadas pelas autoridades para conter o avanço da contaminação pelo coronavírus, o contato com as escolas, em vez de presencial, foi feito por meio de ligações telefônicas. A seleção das escolas se deu de forma natural, visto que alguns coordenadores e professores se recusaram e outros aceitaram participar das entrevistas para a coleta de dados. Dessa forma, participaram da pesquisa dois professores de duas escolas de Belo Jardim e uma professora de uma escola de Caruaru. Optou-se por trabalhar com as instituições privadas partindo do pressuposto de que ela conta com aparatos e recursos tecnológicos acessíveis tanto aos professores quanto aos estudantes.

Foi realizada, então, uma pesquisa de campo para coletar os dados por meio de entrevistas individuais com estes três professores de LI do primeiro ao terceiro ano do EM da rede privada de três diferentes instituições de ensino. Também foram analisados os planos de ensino destes professores, que enviaram seus planos pelo WhatsApp, com vista a se obter mais informações a respeito de suas aulas. Por causa da pandemia de Covid-19, as entrevistas aconteceram de maneira remota, por meio de videochamadas que foram gravadas com a autorização dos professores.

A fim de confrontar a resposta dos estudantes com as respostas dos seus respectivos professores, foi também aplicado um questionário aos estudantes dos docentes entrevistados. Responderam à pesquisa cinco estudantes da turma de um professor, três da segunda professora e três da última professora. O questionário foi aplicado aos estudantes por meio dos formulários on-line do Google Forms.

Com o propósito de realizar a investigação e as análises dos dados, tendo em vista a maneira pela qual as TIC são usadas no ensino de língua inglesa pelos professores das escolas privadas, a presente pesquisa adotou um procedimento metodológico de abordagem qualitativa. Conforme Minayo (2002, p. 22-23), a

pesquisa qualitativa “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” e “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, que correspondem a um conjunto mais profundo das relações, dos fenômenos e processos das ações humanas que não são captáveis em equações, médias ou estatísticas. Silveira e Córdova (2009) acrescentam que a abordagem qualitativa se caracteriza pela objetivação do fenômeno e pela hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 32). Para Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa de natureza qualitativa envolve o estudo do uso e da coleta de materiais empíricos, como experiência pessoal, entrevistas e artefatos “que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” e tem como finalidade, de acordo com Gaskell (2008, p. 68), não contar opiniões ou pessoas, e sim “[...] explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”.

Portanto, tendo em vista que a pesquisa quantitativa, de acordo com Fonseca (2002, p. 20), tem como foco amostras geralmente grandes e representativas, este tipo de abordagem não se aplica à presente pesquisa. Fatores como o que levaria os professores a trabalharem de uma determinada maneira com uma tecnologia específica, o que pensam a respeito do tema e quais seriam suas motivações, irão fornecer informações que proporcionarão entender a realidade na qual eles estão inseridos e como se apresentam suas particularidades e pensamentos diante da tecnologia.

Para obter tais dados, tendo em mente o problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho, a entrevista foi uma das técnicas utilizadas, para tentar compreender o comportamento dos professores em relação ao manuseio das TIC em suas respectivas práticas pedagógicas. Gaskell (2008, p. 64) afirma que “nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de dados amplamente empregada” e acrescenta que, de modo geral, a metodologia mais adequada para a pesquisa acadêmica é a entrevista individual. Para tanto, é necessário que seja desenvolvido o tópico guia da entrevista de maneira que sejam elaboradas perguntas por meio das quais o entrevistado sinta-se convidado a “[...]falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir” (GASKELL,

2008, p. 73). No que se refere ao pesquisador, Gaskell (2008) diz que é possível que obtenha esclarecimentos e acréscimos em pontos considerados importantes, levando em consideração as abordagens mais adequadas e os questionamentos específicos a serem levantados.

Lüdke e André (1986, p. 33) descrevem a entrevista como uma poderosa arma de comunicação, que pode ser muito útil para as pesquisas em educação. As autoras apontam que se cria uma relação de interação, onde é desenvolvida uma atmosfera “[...] de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” e que existe uma grande vantagem da entrevista em relação a outras técnicas, que é “a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”, permitindo correções, esclarecimentos e adaptações (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34).

Para esta pesquisa, foi utilizado o tipo de entrevista semi-estruturado, colocado pelas autoras como um meio-termo entre as entrevistas estruturadas e não estruturadas. Lüdke e André (1986) explicam que a entrevista semi-estruturada se desenvolve a partir de um esquema simples, que não é trabalhado de maneira rígida, de modo a permitir que o entrevistador faça adaptações necessárias a partir de um roteiro flexível.

Desse modo, foi elaborado para a entrevista da presente pesquisa, um roteiro composto por 11 perguntas sobre a presença das TIC em sala de aula, perpassando pelo uso das TIC pelos professores, para desenvolverem suas aulas e possíveis atividades e projetos, bem como envolvendo questões voltadas para como os docentes percebem e avaliam este uso com os estudantes. Por meio deste roteiro, foi estabelecido um diálogo de forma que, em todas as entrevistas, os professores se sentiram à vontade, falaram abertamente sobre suas experiências em sala e explicaram seus pontos de vista e percepções a respeito dos recursos tecnológicos em suas respectivas práticas pedagógicas.

A fim de registrar o momento da entrevista para a posterior análise dos dados, as videochamadas com os professores foram gravadas. Lüdke e André (1986, p. 37) dizem que, em comparação ao método de anotação durante a entrevista, “a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado”.

Aliada à entrevista, para dar mais consistência aos dados oferecidos pelos professores, foi feita uma análise documental contemplando os planos de ensino dos professores respondentes. Lakatos e Marconi (2001) explicam que se compreende por análises documentais aqueles dados obtidos por meio de fontes primárias, como documentos, arquivos particulares de instituições e fontes estatísticas. Neste sentido, a análise do plano de ensino, documento em questão, enriqueceu os dados obtidos por meio da entrevista, tornando estes dados mais eficazes e próximos à realidade pesquisada. Lüdke e André (1986, p. 38) afirmam que

Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Assim, por constituírem uma poderosa fonte de onde podem ser obtidas informações que evidenciem afirmações e declarações do pesquisador, segundo Lüdke e André (1986, p. 39), os documentos, no caso desta pesquisa os planos de ensino, representam uma fonte natural de informação, de modo a “[...] complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta”.

Já o questionário, por sua vez, contou com 12 perguntas (nove fechadas e duas abertas) e foi aplicado aos alunos de forma on-line, a fim de comparar os dados obtidos por meio das respostas dos estudantes com os dados obtidos por meio do plano de ensino e da entrevista com os professores. O questionário é uma técnica que se refere “[...]a um meio de obter respostas às questões por um formulário que o próprio informante preenche” (CERVO & BERVIAN, 2002, p. 48). O questionário aplicado aos estudantes possibilitou uma visão mais ampla dos dados, uma vez que as informações coletadas puderam ser confrontadas com as informações dos docentes, coletadas na entrevista e no plano de ensino.

A fim de organizar os dados a serem analisados de modo qualitativo, foram transcritos os áudios das entrevistas, assim como foram categorizadas todas as informações dos planos de ensino dos professores. Foram analisados, principalmente, os pontos voltados para as habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos estudantes nas aulas de LI e a presença ou a ausência das TIC

no planejamento dos professores. Segundo Lüdke e André (1986), analisar dados qualitativos implica em trabalhar o material obtido ao longo da pesquisa, como as transcrições de entrevistas e as análises de documentos, assim como as demais informações disponíveis. Dessa maneira, a tarefa de analisar compreende a um primeiro momento onde todo este material é organizado, “[...]dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes”. Já em um segundo momento, estes padrões são novamente avaliados, na busca de “[...] relações e inferências num nível de abstração mais elevado” (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 45). Assim, visto que as informações obtidas provêm de diferentes fontes, o método utilizado para a análise dos dados foi a triangulação, que, segundo Creswell (2003 apud OLIVEIRA, 2011, p. 54), “pode ser usada para validar os dados por meio da comparação entre fontes de dados distintas, examinando-se a evidência dos dados e usando-os para construir uma justificativa para os temas”.

4 PROFESSORES E USO DAS TIC EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Os dados que serão analisados neste capítulo foram obtidos através das entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, com três professores de três diferentes colégios, identificados por P1, P2 e P3 e C1, C2 e C3, respectivamente; dos planos de ensino enviados pelos docentes para análise e pelas respostas do questionário aplicado aos estudantes. Os estudantes foram identificados neste trabalho por uma combinação de letras e números. Os estudantes E1p¹, E2p¹, E3p¹, E4p¹ e E5p¹ correspondem aos alunos do professor P1. Aqueles identificados por E1p², E2p² e E3p² correspondem aos da professora P2. Por fim, E1p³, E2p³ e E3p³ são os estudantes da professora P3.

4.1 Percepção dos professores de LI quanto à utilização das TIC em suas aulas

A entrevista com os professores foi norteadada por perguntas que buscaram saber a respeito da presença das TIC nas escolas, do uso dessas tecnologias na prática pedagógica desses entrevistados e da frequência e da maneira que costumam utilizá-las. A entrevista também buscou saber se os professores costumam se atualizar a respeito de novas maneiras de utilizar essas tecnologias em aula, se veem a tecnologia como algo fundamental, se percebem contribuições para o processo de ensino-aprendizagem e se as TIC dão conta da demanda desse processo.

4.1.1 Professor P1

O professor P1, que leciona nas três séries do EM do C1, afirmou, na entrevista, que dispõe de TIC como computadores, caixas de som, conexão Wi-Fi, lousas digitais e projetores. Atualmente, por recomendação do C1, cada professor leva seu próprio notebook, devido ao fato de que os computadores estavam sendo prejudicados por pen drives infectados com vírus. P1 costuma utilizar as tecnologias acima citadas com bastante frequência, seja em sala de aula, seja para sugerir atividades para casa ou para propor atividades e projetos aos estudantes. Kenski

(2003, p. 22), pontua que o desafio a ser assumido pela sociedade, onde estão inclusos os professores, é o de pensar as novas educações. Estas, segundo a autora, são resultado das mudanças que vêm acontecendo nas maneiras de ensinar e aprender, possibilitadas a partir do desenvolvimento tecnológico, que, por sua vez, traz novos desafios e novas perspectivas. Assim, ao utilizar as TIC acima citadas, P1 começa a desenvolver em sala de aula novas maneiras de ensinar e lida com os desafios e perspectivas trazidos pela inserção das tecnologias na educação.

P1 utiliza, com bastante frequência, computadores e projetores em suas aulas, a fim de explicar o conteúdo aos estudantes por meio de slides animados. Essas animações, segundo P1, se caracterizam por recursos que circulam, sublinham ou apagam/fazem aparecer algum elemento do conteúdo que está sendo ministrado naquele momento. Em sua maioria, os conteúdos têm como foco o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), contemplando, portanto, tópicos gramaticais e interpretação de texto. Além das animações, o professor faz uma combinação de cores e formas no material apresentado, tendo como objetivo prender a atenção dos estudantes. P1 disse que já recebeu comentários positivos dos estudantes a respeito da estética dos seus slides. Por meio desse exemplo, pode-se refletir acerca do pensamento de Mendes (2018), que afirma que a tecnologia não tem o poder de agir sozinha; a maneira pela qual ela é utilizada é que faz a diferença. Portanto, pode-se inferir que os slides, tecnologia utilizada, por si sós, não bastam; é preciso que o professor intervenha e busque maneiras de utilizar seus recursos da melhor maneira possível.

Uma das diferenças em relação às aulas com e sem o uso deste recurso, segundo colocado por P1 na entrevista, é a participação e interação dos estudantes durante algumas aulas. P1 explicou que, com um controle remoto, avança os slides e, durante os exercícios que ele propõe para “fixar os conteúdos” gramaticais e treinar o vocabulário, convida os estudantes a participarem do Hangman (jogo da forca). Entretanto, foi possível perceber que, uma vez que esse procedimento é voltado simplesmente para a memorização e fixação dos conteúdos, ele não confere às aulas um caráter dinâmico, participativo e voltado para a comunicação. Percebe-se que P1 tenta adotar práticas que venham a inserir os estudantes diretamente no processo de ensino-aprendizagem, entretanto, não consegue

contemplar, de fato, elementos que promovam dinamicidade as suas aulas e que contemplem propostas que vão além do que está contido no material didático. Aqui, cabe ressaltar a reflexão dos PCN (2000) que apontam que as LE nas escolas são direcionadas, na maioria das vezes, ao estudo de formas gramaticais e à memorização de regras, priorizando a língua escrita e, em geral, de maneira descontextualizada e desvinculada da realidade.

Ao chamá-los para participarem da aula por meio do Hangman, P1 tenta promover a comunicação entre ele mesmo e seus estudantes, assim como entre os outros estudantes da classe, que podem ajudar seu colega a escolher uma letra para avançar no jogo, mas não aprofunda, de fato, as relações de questionar, refletir e aprender para além do que está proposto no material didático, visto que a tecnologia está sendo utilizada de uma maneira engessada e mecânica. Em busca de maneiras mais efetivas de usar a tecnologia, vale refletir acerca do pensamento de Morán (1999) que defende que os processos de ensino-aprendizagem exigem muito mais flexibilidade e menos conteúdos fixos.

Contudo, o slide é avaliado por P1 como algo positivo, visto que, segundo ele, apesar de não conseguir atingir toda a turma, a atividade de memorização proporciona um aprendizado mais rápido. Além disso, segundo P1, a maneira pela qual a atividade é realizada consegue voltar a atenção dos estudantes à aula e os incentiva a participar. Neste sentido, P1 pontuou que, quando não utilizado da maneira correta pelo discente, os recursos do slide podem surtir o efeito contrário do esperado. Kenski (2003) explica que o que irá revolucionar o ensino não são as tecnologias e sim a maneira como elas são utilizadas por professores e estudantes. A autora destaca que a maneira a ser adotada pelo professor pode ser revolucionária ou não e acrescenta que os processos de interação e comunicação dependem mais das pessoas envolvidas no processo do que das próprias tecnologias por si sós.

Os smartphones são outra tecnologia utilizada por P1, mas com menos frequência. O professor, por meio do e-mail dos estudantes, realiza o cadastro de todos da turma a fim de que realizem atividades em casa através do aplicativo Duolingo, devido ao fato de que, no C1, os estudantes são proibidos de usar estes aparelhos. P1 também disponibiliza seu número de celular para que os estudantes

possam tirar eventuais dúvidas ao longo da semana, por meio do WhatsApp. Esta posição adotada por P1 contempla uma atitude que aproxima professor e estudante, de forma que eles podem continuar se comunicando, para além dos limites físicos do ambiente escolar. Morán (2015) observa que a presença da tecnologia em sala de aula faz com que o professor siga não somente comunicando-se com os estudantes pessoalmente, mas também de forma digital, por meio das tecnologias móveis, como no caso do smartphone.

P1 também afirmou que não é adepto à utilização de tecnologias como computadores e smartphones pelos estudantes dentro do ambiente escolar. Ele os utiliza em algumas de suas aulas e considera que tais tecnologias mais atrapalham do que ajudam, pois desviam a atenção do estudante para outros recursos dos equipamentos. Além disso, quando não utilizados da maneira correta, podem prejudicar o aprendizado do estudante. A palavra play, por exemplo, pode significar “jogar”, “tocar” ou “brincar”. P1 explicou que, muitas vezes, quando o estudante coloca a palavra fora de contexto no Google Tradutor, sua tradução pode vir com o significado totalmente diferente do esperado para realizar corretamente a atividade proposta.

P1: *Vejo a tradução como a única forma de aprender o vocabulário. À medida que você vai traduzindo, aquilo fica na sua cabeça. Para tanto, uso dicionário físico. Uma palavra tem vários significados e o Google só dá uma tradução. Mas tem lá embaixo as outras traduções, que ninguém olha.*

Conforme colocado por P1 durante a entrevista, pode-se observar três pontos: a predominância da tradução em suas aulas; o uso de um recurso moderno para um fim considerado tradicional e a falta de letramento digital para lidar com tais tecnologias por parte dos estudantes. Estes pontos demonstram que, nas aulas de P1, ainda é seguido um modelo tradicional (o de tradução), modelo este condenado desde a Reforma Francisco de Campos, em 1930. Ao se recorrer às explicações de Vidotti (2012), é possível perceber que o método de tradução e análise gramatical foi o primeiro a ser adotado quando começaram a ser ministradas as primeiras aulas de LI no Brasil, no século XIX. Por meio da tradução, o estudante simplesmente memoriza determinados significados de uma palavra, inserida em um determinado

contexto, mas não aprende a inseri-la em diferentes cenários de comunicação, de maneira fluida e em consonância com as diferentes construções gramaticais, seja formal ou informalmente.

Os PCN (2000) trazem uma abordagem que trata não somente do conhecimento metalinguístico, ao chamar a atenção para a necessidade de se integrar as aulas de LI às outras áreas do conhecimento e para a importância de se ouvir ou falar a língua. Assim, em vez de utilizar somente a tradução, P1 poderia simular situações reais do cotidiano e, a partir dessa simulação, trabalhar em conjunto com os estudantes para que eles pudessem aprender de uma forma mais participativa, de um jeito que os levassem a, de fato, praticar a expressão oral do idioma, em uma aula mais contextualizada.

Outro ponto percebido nas respostas de P1 é a maneira tradicional que ele utiliza as TIC, como exposto acima. Mendes (2018) ressalta que é necessário incorporar essas tecnologias à escola como tecnologia educacional e não apenas como um simples recurso didático para enriquecer a prática pedagógica. Segundo a autora, essa missão cabe ao professor. Este professor, na visão de Mendes, caso costume adotar crenças e práticas tradicionais, irá utilizar as TIC apenas como recurso didático: “Por meio da sofisticação do ambiente escolar com o uso de tecnologias, ele propaga a realização de uma prática inovadora, sem nem se dar conta de que realiza apenas um ensino tradicional, transvestido com novas tecnologias” (MENDES, 2018, p.40).

Com isso posto, é possível identificar que o uso do computador e do projetor de imagens em sala de aula, por P1, não traz uma proposta inovadora, visto que tem como fim mostrar slides aos estudantes para que estes memorizem os conteúdos gramaticais, desvinculados de contextos e repertórios socioculturais. Essa prática também vai de encontro à BNCC (2018, p. 243), que preconiza que

[...]o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos.

Nesse sentido, as TIC podem ser uma ferramenta para contribuir na construção do conhecimento e na busca de informações contextualizadas sobre o vocabulário que está sendo aprendido, na descoberta de novas maneiras de ensinar e aprender a LI e no fornecimento de recursos que possibilitem aos estudantes participarem de forma crítica e ativamente do processo de aprendizado. Dessa forma, as tecnologias podem vir a auxiliar na construção do conhecimento em LI e o ensino de LI poderá proporcionar um espaço para usar essas TIC e entrar em contato com outras realidades, levando, possivelmente, para os estudantes uma nova experiência de aprendizagem, não somente linguística, mas também sociocultural, possibilitando-lhes expandir seu conhecimento em diversos sentidos.

Para tanto, é preciso conhecer os limites e possibilidades dessas ferramentas digitais e ter o conhecimento necessário para ensinar seus estudantes a utilizá-las da melhor maneira: o letramento digital. A esse respeito, P1 teceu alguns comentários.

P1: Nenhum professor tem formação tecnológica. Talvez o problema do recurso tecnológico em sala de aula esteja na própria formação do professor. Eram poucos os professores que utilizavam recursos tecnológicos na faculdade. Quando a gente é curioso, a gente aprende. Mas como é que se pode ensinar isso aos alunos se não souber utilizar? Eu sei disso porque já tenho 15 anos de estrada.

De acordo com o que expôs P1, é fundamental que, desde o curso da graduação, os professores recebam a formação e o treinamento necessários para que conheçam e saibam utilizar as novas tecnologias, na prática, em sala de aula. Afinal, cada vez mais surgem diversas ferramentas digitais que também podem ser aproveitadas no processo de ensino-aprendizagem, a fim de não somente facilitar a experiência de compartilhamento de abordagens sobre a língua, como também formar cidadãos críticos e preparados para a vida em sociedade.

Já no que se refere ao uso dos celulares em atividades fora do ambiente escolar, P1 avalia como algo positivo. Como exemplo, ele citou uma atividade que propôs aos estudantes não somente do EM, como também do Ensino Fundamental II. Com o tema “Eu vi Recife, eu vi o mundo”, P1 levou os estudantes à capital pernambucana, em um local onde haviam turistas estrangeiros, como no Recife Antigo e no Marco Zero. O objetivo da viagem, segundo o professor, era realizar um

trabalho em dupla, com o uso da tecnologia (o smartphone ou a câmera digital) e fazer com que as turmas percebessem como o inglês está presente no cotidiano e a necessidade de se saber sobre esta língua.

P1: Nós fizemos um tour pela cidade. Fomos pro Recife Antigo, pro Marco Zero... Eles viram também que o Recife é cheio de placas em outras línguas. A atividade foi tirar uma foto com o celular e criar uma frase, em inglês, que resumisse aquela foto que eles tiraram. Como havia turmas diferentes, A e B, juntei os estudantes em dupla, um de uma turma e outro de outra, para que eles conhecessem um ao outro e desfizessem a rixa que existia entre as turmas A e B.

Na volta ao C1, foi organizado um mural com as fotos tiradas na viagem e as frases criadas pelos estudantes. Essa experiência da viagem ao Recife, proposta por P1, vai ao encontro do que explicam Haslinger et al (2016). As autoras afirmam que o espaço escolar não é mais o único ambiente de aprendizado, interação e produção de conhecimento de crianças e jovens. Esse cenário, por sua vez, é intensificado quando se leva em consideração o acesso às TIC, que, segundo as autoras, proporcionam aos jovens experiências de aprendizagem mais lúdicas e atrativas. Um outro ponto a ser destacado é que o estudante também tem a possibilidade de exercitar a autoria de diversos conteúdos e não apenas recebê-los, visto que surgem caminhos para estabelecer espaços próprios de comunicação e, por meio deles, interagir com outros jovens e adultos, como foi no caso da viagem ao Recife, de acordo com o relato de P1.

4.1.2 Professora P2

A professora P2, que leciona nas três séries do EM do C2, afirmou que o colégio dispõe “de tudo que você possa imaginar” no que se refere às tecnologias, como computadores, caixas de som, projetores e conexão Wi-Fi, tanto para estudantes quanto para professores. Dessas tecnologias, P2 utiliza computadores e projetores com bastante frequência, para organizar os tópicos do conteúdo por meio de apresentações em slides, e, com menos frequência, caixas de som, por meio das quais, uma vez por mês ou a cada bimestre, coloca uma música em LI para que os estudantes possam realizar atividades que treinem a escuta.

P2: *Nas minhas aulas, sempre tiro uma vez por mês, duas vezes, ou a cada final de bimestre, eu sempre levo uma música, um texto diferente pra gente trabalhar. A gente tem que levar algo diferente. Eu imprimo a letra da música, recorto os versos, separo os alunos em duplas ou em grupos e dou o play na canção, pra eles colocarem a letra na ordem correta.*

P2 explicou que essas atividades são realizadas em grupo e afirmou que proporcionam uma maior interação e participação dos estudantes entre si e com o conteúdo ensinado. A professora acrescentou que, muitas vezes realizada em duplas, a atividade tem como objetivo reconhecer, por meio da escuta, elementos gramaticais, foco principal das aulas, e organizá-los na ordem correta. P2 avaliou o momento como algo positivo, pois, segundo ela, além de proporcionar ao estudante que tem mais dificuldades em LI ser ajudado por aquele que tem mais conhecimento no assunto. A atividade os incentiva mais a participar, pois eles se sentem mais motivados ao escutarem as músicas que gostam.

A professora P2 também comentou que, no C2, o foco dos livros didáticos é voltado para o vestibular e o Enem e os assuntos mais relevantes no ensino de LI são, portanto, a gramática, o vocabulário e a interpretação de texto. De modo geral, P2 avaliou que a carga horária baixa e a necessidade de cumprir o conteúdo do livro não permitem que se desenvolvam atividades que levem em conta uma maior comunicação, a interação e o contato com outras culturas durante as aulas de LI. Silva e Branco (2015) apontam que a baixa carga horária é uma situação agravante no ensino de Línguas Estrangeiras Modernas.

P2 também afirmou que utiliza com frequência o computador e o projetor para explicar os conteúdos por meio de slides, com o objetivo de prender a atenção dos estudantes através dos recursos visuais.

P2: *Hoje em dia não dá mais pra você chegar “lousa e pincel”. Chama muita atenção por meio dos slides, principalmente no Ensino Médio. O visual parece que chama mais atenção. O aluno fica mais interessado, menos desatento quando tem que focar o ouvido e o olhar. Sempre levo os slides pra mostrar o tópico gramatical a partir do texto que eles têm na apostila.*

No que se refere ao uso dos slides durante a aula, pode-se perceber que ele é utilizado por P2 como um recurso, conforme explicou a professora, para chamar a atenção dos estudantes. Não é utilizado de um modo, portanto, que venha a proporcionar a comunicação e participação direta dos estudantes durante a aula. Apesar de fazer uso do computador, que oferece possibilidades de comunicação, interação, participação e exploração de conteúdos autênticos em LI, P2 as utiliza para um fim tradicional, assim como foi observado na prática pedagógica de P1. Dessa forma, foi percebido que, também nesse caso, o foco principal do uso de slides nas aulas de LI é a memorização. Assim sendo, o variado espectro de possibilidades a ser trabalhados durante essas aulas não é explorado e muito menos os estudantes são incentivados a treinar a fala e a escuta, conforme pontuam os PCN (2000). O documento indica que boa parte das escolas tem em sua grade curricular de línguas estrangeiras o objetivo de fazer o estudante entender, falar, ler e escrever no idioma que está sendo ensinado em sala de aula, mas, na prática, não é isso que acontece. Os parâmetros mostram que “entretanto, o trabalho com as habilidades linguísticas citadas, por diferentes razões, acaba centrando-se nos preceitos da gramática normativa, destacando-se a norma culta e a modalidade escrita da língua” (PCN, 2000, p. 28).

P2 também relatou sobre sua experiência com o uso do smartphone. De acordo com a professora, já foram realizadas algumas tentativas de usar o aparelho em sala de aula para fazer atividades, mas ela não obteve sucesso, como explica logo abaixo. Além disso, a conexão Wi-Fi disponível aos estudantes e a permissão da utilização do smartphone por eles em sala de aula, segundo P2, é algo que atrapalha bastante.

P2: *É um problema que enfrento. Os alunos ficam no celular vendo outra coisa que não tem nada a ver com a aula. Eu acho que o celular na sala de aula deveria ser proibido; só ser possível quando fosse pra trabalhar pra alguma atividade. Pra minha tristeza, o celular é liberado e tem prejudicado muito o aprendizado do adolescente do Ensino Médio. Infelizmente, eles não sabem separar as coisas. Já houve vezes em que pedi pra que eles fizessem algo com o celular, mas vi que estavam fazendo algo muito longe do que eu pedi que eles fizessem. O celular é uma distração.*

Conforme exposto, a professora relata que, mesmo tendo tentado propor “algo dentro do universo dos jovens”, não foi possível obter um resultado positivo, visto que os estudantes se distraíram e utilizaram o aparelho para outro fim. Ao se ter em vista que os smartphones e a conexão Wi-Fi podem ser utilizados em sala de aula, P2 poderia tentar realizar outros tipos de atividades. Em vez de somente tentar chamar a atenção por meio de um objeto de uso cotidiano e familiar, essas atividades poderiam convidar os estudantes a discutir, pensar e refletir mais profundamente sobre o conteúdo de LI, bem como sobre as questões relacionadas à disciplina, como a cultura, os costumes e a comunicação de outros povos.

Nessa linha de pensamento, P2 poderia utilizar as TIC que costuma usar em sala de aula, como o computador, o projetor, o smartphone e a internet, para aproximar os estudantes à cultura dos povos que falam LI e, ao mesmo tempo, produzir com seus estudantes materiais que divulgassem a cultura brasileira para as outras pessoas. Tudo isso de acordo com as construções gramaticais e temas propostos pelo livro didático. Assim, poderia se constituir uma nova maneira de ensinar e aprender que estaria em consonância com a realidade dos estudantes, em um processo que cada um poderia expressar suas ideias e materializá-las por meio de áudio, vídeo ou imagem, por exemplo. Ao parafrasear Mário Kaplún, Soares (2006, p. 20) observa que é dada “[...] à educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do educando”, em um processo de educar por meio da comunicação.

Neste sentido, Filho (2020) diz que as práticas educomunicativas são uma mediação que faz com que os diálogos sociais e educativos aconteçam, em um processo que, por fim, será concluído com a realização de uma prática de ensino-aprendizagem efetiva. O autor acrescenta que é necessária a disponibilidade de recursos como computadores e permissão do celular em sala de aula (como acontece no C2), para que o professor possa trabalhar na perspectiva das práticas educomunicativas e incentivar o estudante a ter uma visão crítica dos meios e das maneiras de perceber a realidade na qual estão inseridos.

Essa realidade, para P2, é um momento de adaptação. A professora contou que é professora há mais de quatro décadas e que tem dificuldades de se adaptar aos atuais recursos tecnológicos. Em meio a isso, busca se informar a respeito das

novas TIC e propor aos estudantes atividades que proporcionem seu uso. Por um lado, afirmou que atrapalham, como o caso do celular, por outro, relatou que:

P2: Elas vieram para ajudar mesmo. Cheguei a um ponto que a gente vai caminhando e vendo que precisa de algo, de algo diferente. Acho que o aparecimento da tecnologia foi justamente pra que essa geração pudesse ser alimentada naquilo que ela gosta, que ela quer, que ela se interessa, aí eu vejo esse lado como um auxílio muito importante, muito importante mesmo. Muitas vezes, quando coloco uma música, o aluno diz: “eita, professora, eu amo essa música.” A partir de canções, você analisa o inglês dentro da canção, se torna muito mais gostoso de aprender, muito mais prazeroso. Percebo uma grande contribuição dessas tecnologias.

A respeito da adaptação, Júnior e Costa (2012) observam que, em meio ao avanço da tecnologia atrelado ao ensino de línguas, é evidente a necessidade do professor também se tornar tecnológico, no sentido de ser um profissional mais consciente e mais preparado para as transformações sociais. Por meio do seu uso, é possível abrir caminhos para a educomunicação, que, por sua vez, segundo Freitas (2015), é um caminho para espaços de escuta, interlocução, exercício da criticidade, da argumentação, da formação de espaços educativos e da melhoria do nível das ações educacionais.

Cabe a reflexão de que, antes desse momento da prática educacional por meio da maneira de usar as TIC nas aulas de LI, há um passo importante a ser observado: a capacidade de professores e estudantes de se apropriarem das tecnologias de maneira a utilizá-las para que os objetivos voltados para a participação, interação, comunicação e desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes sejam realmente atingidos. A formação recebida por P2 há quatro décadas precisa, portanto, estar em constante transformação e atualização, tendo em vista a criação das novas tecnologias e sua presença em sala de aula, para que os anseios de uma educação transformadora sejam correspondidos, onde o “jeito velho” passa a dar lugar ao “jeito novo”. Essas expressões remetem ao resumo que Xavier (2002) fez do estudo do pesquisador Dom Tapscott (1999) em relação aos processos de ensino-aprendizagem. Xavier (2002) aponta que, enquanto o jeito velho é centrado no professor, com uma absorção passiva dos conteúdos e se caracteriza como um ensino estático, no jeito novo o centro é o estudante, que poderá ter uma participação ativa e o ensino será com material didático on-line,

dinâmico, em vez de somente livros físicos, estáticos. Xavier (2002, p. 4) conclui que este novo jeito de aprender teria como características a dinamicidade, a participação descentralizada da figura do professor e seria pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos interesses de cada um dos estudantes que utilizam frequentemente as tecnologias de comunicação digital.

A contradição de P2, que por um lado diz que a tecnologia ajuda e que, por outro, diz que atrapalha, reflete as experiências da professora por meio das tentativas realizadas no sentido de seguir novos caminhos no ensino de LI, tendo em vista a realidade dos estudantes que são usuários frequentes das tecnologias de comunicação digital. Uma dessas tentativas foi feita por meio de uma atividade com o celular, a ser realizada em sala de aula pelos estudantes.

P2: Infelizmente, eles não sabem separar as coisas. Se eles não sabem ficar sem o celular, a gente vai ter que adaptar o nosso trabalho a eles, pra que eles possam ficar à vontade, mas mesmo assim tenho a impressão de ver o aluno não centrado naquilo que foi pedido pra fazer, porque já houve vezes em que pedi pra que eles fizessem algo com o celular, mas vi que estavam fazendo algo muito longe do que eu pedi que eles fizessem.

A professora não deu mais informações a respeito da atividade que propôs, nem comentou o que os estudantes fizeram em vez de realizar o que foi proposto com o smartphone. Porém, pode-se deduzir que, talvez o problema resida na maneira pela qual está sendo solicitado o uso do recurso tecnológico para realizar a atividade. Há a possibilidade de ter acontecido o mesmo que foi observado na prática pedagógica do professor P1 com o uso do slide: utilizar recursos tecnológicos modernos e digitais de última geração, mas de uma maneira tradicional, que não traz, de fato, novidades para os estudantes e possibilidades de interação, comunicação e participação.

P2, conforme falou durante a entrevista, apesar de buscar se informar a respeito das novas TIC, não busca se informar a respeito de novas maneiras de utilizar e aplicar essas tecnologias em sala de aula, mas reconhece que precisa fazer isso. Ela também ressaltou que, devido à falta de habilidade, ao utilizar recursos tecnológicos em sala, realiza os processos vagarosamente e, em casa, conta com a ajuda dos filhos para lhe auxiliar no domínio das TIC.

P2: Primeiro, vejo com meus filhos. Meus filhos me ajudam. Me interesse bastante. Me sinto bastante motivada e interessada, no momento, pra levar isso pra minhas aulas também.

Esse interesse pode dar início à tomada de uma atitude e de uma postura que vão ao encontro do perfil necessário ao professor que leva a seus estudantes da geração tecnológica, nas palavras de Kenski (2003), uma nova educação. Xavier (2002, p. 3) aponta que “para acompanhar esses aprendizes audaciosos da geração digital, o professor também tem que mudar seu perfil e sua prática pedagógica”. Esse perfil seria composto por determinadas características, tais quais: pesquisador, articulador do saber, gestor de aprendizagens, consultor que sugere e motivador da aprendizagem pela descoberta.

Nesse sentido, para além do uso do celular em sala de aula, P2, ao perceber que os estudantes têm dificuldades ao falar inglês, sugeriu que eles assistissem a um filme e, na semana seguinte, apresentassem aos colegas da turma os principais pontos, a fim de incentivar a fala. A professora observou que, após a proposta da atividade, somente cinco a cada 40 estudantes demonstraram interesse em se apresentar e, de fato, conseguiram se sobressair. Segundo P2, estes são os que frequentam cursinhos de inglês. Neste quesito, ela teceu alguns comentários e disse que recebeu uma certa resistência por parte da maioria dos estudantes.

P2: *Já fiz algumas vezes, em sala de aula, pra eles apresentarem em inglês. Mas somente aqueles alunos que frequentam cursinhos se sobressaem. Não tem como a gente trabalhar a fala em sala de aula pela gama de conteúdo que você tem que dar conta e, no fim das contas, você tem um planejamento a cumprir. A gente fica: vou dar o conteúdo ou vou dar a fala? Se no fim das contas o vestibular quer o conteúdo e não a fala. Os alunos questionam: pra que falar se o vestibular não pede?*

Ao final da entrevista, P2 atribuiu às TIC uma avaliação positiva. Em sua opinião, tecnologias como o computador e o aplicativo digital de planejamento de aulas da escola poupam o tempo do docente, uma vez que, conforme explicou, é mais rápido digitar do que escrever à mão. Como outro exemplo, também citou o contato digital com os pais dos estudantes, a fim de informá-los a respeito do rendimento escolar dos discentes. Um outro ponto colocado por P2 foi o melhor aproveitamento do tempo em sala de aula, no que se refere à aplicação de

atividades, momento no qual não é mais necessário escrever as questões no quadro para que os estudantes copiem. A professora já leva, então, o material impresso ou projeta a imagem da atividade em questão.

Por outro lado, P2 chegou à conclusão de que, para ela, as TIC não dão conta da demanda do processo de ensino-aprendizagem. É necessário um outro suporte para que as habilidades de comunicação sejam desenvolvidas, visto que o método adotado pelo C2 visa somente os vestibulares e o ENEM e as tecnologias são utilizadas por P2 de maneira que não propiciam inovações no modo de ensinar.

4.1.3 Professora P3

A professora P3, que leciona no Ensino Médio do C3, relatou que utiliza diversas TIC nas aulas de LI, tais como: computadores, smartphones, aplicativos de jogos e de troca de mensagens, aparelhos de som, lousa digital e câmeras. Afirmou também que costuma agregar os recursos de plataformas como o Google Desenhos, Jam Board, Google Formulários, YouTube, Kahoot! e Youglish às suas aulas.

Assim como no C1 e no C2, o foco principal da disciplina de LI no C3 é a gramática, segundo explicou P3 durante a entrevista. Nesse contexto, diferentemente de P1 e P2, P3 não utiliza somente os slides para exemplificar para os estudantes os tópicos gramaticais. A professora recorre a paródias criadas por ela mesma.

P3: *Tinha alguns alunos com dificuldade na gramática, aí comecei a fazer umas músicas. Eu pegava a parte chata da gramática, fazia uma paródia e cantava com eles, colocando no meu celular e no som da sala.*

P3 observou que os livros didáticos contêm textos extensos, que têm como proposta fazer com que o estudante identifique as partes gramaticais que estão sendo estudadas no momento e diversas questões que abordam vários contextos cotidianos, como ida à escola, ao trabalho, ao médico, às compras, entre outros. Ao perceber a dificuldade que os estudantes tinham com a gramática da LI, P3

introduziu as paródias (cantadas em português) no cotidiano escolar dos estudantes e percebeu que houve uma melhora significativa no rendimento escolar.

P3: *Na prova, a gente não tem mais o que se preocupar no que se refere à gramática, porque eles aprendem a paródia e já dá pra perceber o resultado.*

P3 informou durante a entrevista que, no começo, quando teve a ideia de fazer as paródias e cantá-las para os estudantes, utilizava um microfone e cantava ao vivo durante as aulas. De acordo com ela, como havia muitas aulas na semana, decidiu gravar e colocar os áudios para que os estudantes escutassem por meio da caixa de som. Depois, seguindo a sugestão de um aluno, decidiu criar um canal de paródias no YouTube, que também conta com a participação dos alunos nos vocais das paródias.

P3: *Não vou ajudar somente os meus alunos, mas também quem tiver dificuldade. E os alunos que não são mais meus alunos, poderão continuar sendo.*

Neste ponto, para além do melhor desempenho escolar dos estudantes, P3 observou que as paródias contribuem no processo de ensino-aprendizagem não somente dos seus alunos e ex-alunos, como também ajudam estudantes de outras instituições, algo que é possível por meio do compartilhamento das músicas pelo YouTube. Nesse sentido, P3 faz o uso da internet de modo a atingir os objetivos de expandir o conteúdo de LI para além da sala de aula, de manter uma comunicação com turmas anteriores e de incentivar a produção de mídia ao convidar os estudantes para cantarem as letras das paródias a serem colocadas no canal do YouTube.

Ao recorrer às paródias para ensinar suas turmas, P3 consegue atingir seus estudantes positivamente, por meio da voz, das melodias que são logo reconhecidas pelos discentes, dos efeitos visuais e das legendas do vídeo musical. Esse conjunto cria uma linguagem própria de comunicação que, como foi possível apreender por meio da entrevista com P3, aproxima professores e estudantes. Mendes (2018, p. 13) afirma que “atualmente, o professor não é um mero propagador de conhecimento, mas sim ambos (estudante e professor) são parceiros do

ensino-aprendizagem”. Os aspectos dessa frase podem ser percebidos na prática pedagógica de P3, que se comporta não como um professor que é o único detentor do conhecimento e sim como alguém que está lado a lado de seus estudantes, na busca pelo desenvolvimento de suas habilidades.

A professora P3 também utiliza computador, caixas de som e lousa digital para colocar séries em inglês para os estudantes assistirem durante a aula e treinarem a escuta e a leitura. As legendas dos vídeos são ativadas para que eles possam acompanhar melhor. O conjunto de gestos, vozes e expressões da série podem contribuir para que os estudantes possam revisar os conteúdos aprendidos em sala de aula, como as estruturas gramaticais, as palavras, expressões e a maneira correta de pronunciá-las. Além disso, pode incentivá-los a conversar posteriormente sobre o episódio e sobre aquilo que conseguiram compreender durante a atividade da escuta.

P3 também leva seus estudantes à sala de robótica para que, por meio dos computadores conectados à internet, eles possam usar o Google Desenhos para realizarem as atividades propostas pelo livro.

P3: *Com os alunos sempre utilizamos o Google Desenhos, onde eles podem fazer cartazes de publicidade. Então, a gente acaba fazendo isso também, pra que ele venha produzir um material. Hoje, ninguém abre mais uma revista. É tudo on-line. Então a gente acabou produzindo também alguns panfletos. Tudo virtual. São propostas que o livro traz pra gente fazer esses panfletos.*

Por meio da proposta dos panfletos, as aulas de LI de P3 permitem que ela trabalhe com os estudantes atividades cotidianas e que façam o uso das TIC, incentivando-os a produzirem materiais, que, nesse caso, são os panfletos. Ao produzirem algo que está presente na vida cotidiana e, conseqüentemente, aproximá-los de um contexto real, os estudantes podem ter um contato mais próximo com a realidade em que estão inseridos. Esse contato também poderia ser mais abrangente caso os materiais fossem divulgados com as pessoas exteriores ao ambiente escolar. Dessa forma, poderiam compartilhar suas experiências e produções e, com isso, além de levar as informações trabalhadas e produzidas em sala à comunidade, os estudantes estariam também estabelecendo processos de comunicação por meio das publicações, comentários e mensagens diretas.

Nesse contexto, vale ressaltar a importância de se realizar a produção dos panfletos, visto que a atividade possibilita espaços para que se desenvolvam processos de comunicação e incentiva a produção textual na LI por parte dos estudantes. Com isso em vista, levando em consideração a proposta dos panfletos, os temas cotidianos trabalhados no livro, a gramática a ser trabalhada e o uso do Google Desenhos, P3 poderia sugerir que seus estudantes criassem uma conta em uma rede social (como o Instagram) e se dividissem em grupos, onde cada um ficaria responsável por uma determinada função (publicar na linha do tempo, nos stories e no Reels.³ Cada grupo poderia ficar com um tema (ida à escola, ao trabalho, ao médico, às compras, por exemplo) e trabalhar a gramática por meio da criação e compartilhamento não somente dos panfletos, como também de áudios, imagens e vídeos. Através desses recursos audiovisuais, os estudantes poderiam também compartilhar suas rotinas de estudo, dicas de pronúncia, e seus respectivos progressos na evolução do aprendizado.

Essa sugestão propõe a professores e estudantes de LI a trabalharem a comunicação, a produzirem conhecimentos e a aprenderem a LI por meio de situações que estejam em consonância com a realidade dos estudantes. Além disso, busca incentivar a produção e divulgação de conteúdos e informações trabalhados em sala de aula, por meio das TIC, já preparando-os para usar as ferramentas digitais que poderão precisar no mercado de trabalho. Todo esse contexto exige a prática do letramento digital, algo ao qual já foi dado início pela professora P3 em suas aulas. Assim, ao utilizar a tecnologia como suporte, a professora também possibilita aos estudantes um momento de aprendizado no que se refere ao uso dessas tecnologias e não somente como um suporte para dar uma aula expositiva por meio de slides.

P3 informou que sempre busca se informar a respeito das novidades relacionadas às TIC e às maneiras de utilizá-las no processo de ensino-aprendizagem. A professora comentou que, em 2017, participou de um curso de capacitação que ensinou professores a utilizarem os mais diversos recursos

³ Segundo o Instagram, a ferramenta Stories consiste na possibilidade de compartilhar momentos e experiências por meio de texto, música, figurinhas, vídeos e GIFs. Já o Reels permite a criação de vídeos de até 30 segundos, que podem conter inúmeros cliques, áudio, texto e filtros.

tecnológicos voltados para a educação e, desde então, busca se informar e participar de formações a respeito de novas maneiras de inserir as tecnologias nas aulas de LI, além de realizar atividades que proporcionam letrar os estudantes digitalmente.

Youghlish e Kahoot! são outras ferramentas utilizadas por P3 que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de LI e que estimulam os estudantes a aprenderem a mexer nos recursos.

P3: *Caso você tenha dúvidas com pronúncia, no Youghlish você vai encontrar várias pessoas falando a palavra que você quer, seja com sotaque dos EUA, do Reino Unido ou da Austrália. Você escolhe o país e você vai ver várias pessoas em debates ou entrevistas. Lá, tem a legenda do vídeo. Ele mostra uma enorme quantidade de vídeos e bota no play a partir do minuto em que a palavra aparece. Além do mais, a palavra está dentro de um contexto.*

Após fazerem um panorama sobre o uso da tecnologia no ensino de Língua Estrangeira, Júnior e Costa (2012, p. 3) afirmam que “a reprodução do som permitiu o contato com excertos de nativos, promovendo o desenvolvimento de habilidades de compreensão oral a partir de materiais autênticos.” Ao utilizar o Youghlish, P3 leva aos estudantes uma experiência de ensino que confere à aprendizagem um caráter mais imersivo na LI. Ao digitar uma palavra, a plataforma traz uma série de vídeos nos quais contêm a palavra escolhida. Assim, os estudantes podem escutar sua pronúncia e observarem seu uso em diversos contextos, de acordo com o tema do vídeo que escolher ver. Além disso, os vídeos vêm acompanhados de legendas e trazem diferentes sotaques (americano, britânico, australiano, por exemplo).

A professora também citou o Kahoot! como ferramenta de ensino. O aplicativo é uma plataforma que permite o aprendizado por meio de jogos. P3 disse que sempre buscou se informar a respeito de sites, aplicativos e jogos para incorporar na sua prática pedagógica e incentivava os outros professores a fazerem o mesmo, mas encontrava resistência por parte deles em relação ao uso das TIC nas aulas. De todo modo, é crucial desenvolver estratégias que incorporem o uso das TIC nas aulas de LI, de forma a não somente ser um mero instrumento facilitador e expositivo do material didático. É necessário haver uma formação continuada. Nesse sentido, P3, para além dos conhecimentos obtidos durante a graduação, têm

participado de cursos de capacitação, buscado novas maneiras de agregar as tecnologias em sua prática pedagógica e alertado os seus colegas professores para a incorporação dessas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. Ao investirem nessa formação, surge a possibilidade de que professores e estudantes, com o auxílio das tecnologias, consigam desenvolver práticas educacionais que conectem os conteúdos da LI às situações cotidianas reais, que divulguem e estendam à sociedade os trabalhos, produções e atividades dos estudantes e que permitam o intercâmbio de informações, bem como a troca de conhecimentos.

P3 citou um projeto organizado por ela e que envolveu professores de outras disciplinas e não só o EM, como também o Ensino Fundamental. No Dia de São Patrício, feriado de origem irlandesa, as turmas do C3 apresentaram, em inglês, os detalhes relacionados à festa, por meio de vídeos, áudios e apresentações em slides. Aqueles que não sabiam falar inglês muito bem, segundo P3, falaram a versão em português do que estava sendo apresentado em inglês, para que os ouvintes pudessem entender. No dia do evento, os estudantes, no intervalo de suas apresentações, visitaram as outras turmas.

P3: No EM o foco é mais no Enem, mas quando a gente faz uma atividade desse porte, o aluno quer participar, e, às vezes, por meio dessa participação, tem uma questão sobre aquilo no vestibular e, por ele ter participado do evento, ele lembra. Eu gosto de trabalhar assim: colocando os alunos pra falar. Como trabalho em curso há muito tempo, tento trazer esse aluno pra falar. O que é que ele sabe? Vamos aproveitar. Vamos colocar esse povo pra falar. Vamos colocar esse povo pra praticar.

Por meio desse projeto, P3 levou aos estudantes uma nova maneira de aprender vários aspectos da LI, pois os incentivou a pesquisar, selecionar e produzir conteúdos midiáticos em LI, a usar os recursos das TIC e a compartilhar o resultado do trabalho com outras turmas do C3. A fala de P3 demonstrou que, durante a produção dos materiais e da organização do evento, os estudantes foram os protagonistas do processo, levando ideias para serem discutidas e incorporadas nas apresentações. P3, por sua vez, pôde encaminhar e orientar seus estudantes, em um percurso em busca da construção do conhecimento, por meio das TIC e do debate entre professores e estudantes e entre os estudantes das turmas. Além disso, a proposta de se aprender o conteúdo por meio do feriado de São Patrício,

proporcionou aos estudantes se sentirem “mais perto” da cultura do povo que fala a LI, de maneira a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais real. A pesquisa e a organização do material por meio de computadores, smartphones e tablets, assim como a sua apresentação no dia do evento por meio dessas tecnologias, deram aos discentes um papel ativo na produção do saber e levaram-nos uma maneira diferente de aprender, seja pelo trabalho em equipe em sala de aula, pelas discussões em grupos virtuais ou pela experiência no próprio dia do evento. A prática pedagógica de P3, portanto, vai ao encontro do pensamento de Kenski (2003), que aponta que, atualmente, é preciso que as tecnologias sejam vistas como geradoras de oportunidades para que se desenvolva uma sabedoria no sentido de promover uma aprendizagem por meio da interação social. Conforme explica a autora, essa interação possibilita a construção social do conhecimento. Para tanto, não basta simplesmente o conhecimento a respeito da tecnologia a ser utilizada: é preciso que sejam geradas oportunidades de comunicação e interação entre docentes e estudantes, que, segundo Kenski, devem exercer papéis de forma ativa e colaborativa na atividade didática.

Assim, a prática pedagógica de P3 prioriza a comunicação com e entre os estudantes, de forma que passa a existir uma constante troca de informações e de conhecimento, onde a professora não se coloca como detentora do saber, e sim como uma mediadora. A prática pedagógica de P3 de enfatizar a comunicação, ao propor e realizar essa atividade com os estudantes, reflete o pilar principal da educomunicação, na qual, conforme colocado por Próspero (2011), a comunicação é vista como um direito fundamental e, assim sendo, deve-se fazer todo o esforço necessário para ampliar o potencial comunicativo dos membros da comunidade educativa.

Por meio da produção, gravação e edição dos vídeos, os estudantes puderam ter a experiência de não somente receber as informações a respeito de como usar as tecnologias para produzir, gravar e editar os vídeos, como também puderam refletir acerca da maneira pela qual o conteúdo está sendo veiculado e sobre a linguagem que está sendo utilizada (se é algo mais formal, coloquial ou descontraído; e se, dentro do conhecimento que têm sobre o assunto, os recortes, os ângulos e as escolhas estéticas são os mais adequados para aquele determinado

contexto). Próspero (2011, p. 67) explica que “ao produzirem um vídeo, por exemplo, os estudantes conhecerão de forma mais clara como é o processo de produção e, por isso, terão um olhar mais crítico ao assistirem programas televisivos.” Dessa forma, o conhecimento gerado em sala de aula poderá ir além do que foi proposto pelo livro didático e poderá se estender para as esferas social e política da vida dos estudantes. Além disso, o resultado poderá ser compartilhado virtualmente com a comunidade exterior à escola.

Essa divulgação poderá ser feita seguindo a mesma lógica do projeto dos panfletos. Porém, por se tratar somente de vídeos, a plataforma recomendada para uso é o YouTube. Entretanto, o compartilhamento dos vídeos, apresentações em slides e quaisquer outras mídias produzidas pelos estudantes por meio das redes sociais não é uma prática adotada por P3.

No que se refere ao uso de redes sociais, P3 adotou o uso do WhatsApp para o aprendizado de LI. Há algum tempo, P3 inscreveu os estudantes do EM do C3 na Olimpíada de Língua Inglesa (que acontece por meio do WhatsApp) para que pudessem participar durante a aula de LI.

P3: *Era só cadastrar os alunos pra eles participarem. Eu dava um código, eles entravam e iam avançando de nível. Eles mesmos escolhiam o assunto e o nível que queriam. Daí, eles tinham que falar com pessoas de outros lugares, gravar e mandar pra mim até atingirem uma certa nota.*

Dessa forma, o aplicativo de mensagens serviu não somente para debater os temas das aulas com os outros colegas e tirar dúvidas com P3, como também foi um suporte para que pudessem participar da Olimpíada, interagindo com outras pessoas.

Assim sendo, a tecnologia usada (WhatsApp) não é usada somente para sua finalidade principal (enviar mensagens de texto, áudio e vídeos): P3 traz uma perspectiva educacional, na qual os estudantes podem utilizar seus aparelhos enquanto participam da competição e ainda se comunicam entre si e conhecem estudantes de outros lugares. Maely (2018, p. 19) observa que “A capacidade de intercomunicação é um dos aspectos mais significativos das tecnologias digitais, uma vez que possibilita a comunicação entre as pessoas, independentemente de

onde estejam.” Uma vez incorporadas às aulas de LI de maneira a explorar corretamente suas possibilidades, a fim de se obter um ensino mais participativo e crítico, as TIC poderão contribuir para que os encontros em sala de aula estejam de acordo com a proposta da Educomunicação e dos PCN.

4.2 Análise dos planos de ensino

Nesta seção, são analisados os planos de ensino dos professores P1, P2 e P3, respectivamente. P1 enviou o plano de ensino, que é anual, de cada uma das séries do EM. P2, por sua vez, enviou seu plano quinzenal, também das três séries do EM. Por fim, P3 enviou fotos das primeiras páginas de cada um dos livros (volume único) das três séries do EM. Ela informou que não dispõe de um plano de ensino próprio e utiliza o planejamento do material didático como base para suas aulas.

4.2.1 Plano de ensino do professor P1

O plano de ensino de P1 é anual, subdividido em quatro bimestres e contempla todos os assuntos propostos pelo livro didático, a serem abordados nas aulas de LI ao longo do ano, bem como traz os objetivos a serem alcançados através do desenvolvimento de cada um desses assuntos com os estudantes. Uma determinada quantidade de aulas é destinada para cada um dos cinco módulos do livro. Estes módulos, por sua vez, abarcam uma média de um a quatro capítulos do material didático. Este padrão é observado nos planos de ensino das três séries do EM. Foi possível perceber que não há a presença de outros elementos essenciais em um plano dessa natureza, como habilidades a serem desenvolvidas, estratégias a serem adotadas, recursos a serem usados durante as aulas e explicação do formato das atividades avaliativas.

Os capítulos do livro de LI trazem conteúdos relacionados à formação das palavras, interpretação de músicas e de texto, no estilo do ENEM, às classes gramaticais e aos tempos verbais, pronomes e artigos, entre outros. De modo geral, são assuntos voltados para a gramática, a interpretação de texto e para o ENEM,

conforme colocou P1 durante a entrevista. Já os objetivos do plano buscam fazer com que os estudantes sejam capazes de aprender, conhecer, identificar e aplicar adequadamente cada um dos conteúdos trabalhados pelo professor. Não são encontradas, entretanto, menções a respeito de como esses conteúdos serão trabalhados em sala e quais recursos serão utilizados para que tais objetivos sejam, de fato, atingidos.

Durante a entrevista, ao ser solicitado o seu plano de ensino, P1 afirmou que ele (o plano) é simples e, nas suas palavras “não tem nada de mais.” Os recursos utilizados, como colocado por P1 durante a entrevista, são o computador e o projetor, a fim de mostrar os slides aos estudantes. Não estão previstas, dessa forma, aulas que desviem do eixo proposto pela dinâmica do C1, que sugere aulas voltadas somente à gramática, ao vocabulário e à interpretação de textos. P1 argumentou que o uso das TIC não consta em seu plano de ensino, devido ao fato da alta demanda de tempo necessária para pesquisar, aprender a usar e buscar a melhor maneira de aplicar as TIC em sala, além da baixa quantidade de aulas por turma (duas vezes por semana). Mendes (2018) concorda com o fato de que o professor necessita de mais tempo, criatividade e pesquisa para desenvolver um plano de aula que leve em conta o uso da tecnologia. Júnior e Costa (2012) também apontam que o medo de novas tecnologias, a falta de conhecimento, confiança ou formação sobre o uso das TIC são um obstáculo para a implementação dos recursos tecnológicos na prática pedagógica dos professores.

Diante disso, são identificados alguns dos fatores que interferem na efetiva inserção das tecnologias nas aulas de LI de P1. Na opinião do docente, esses fatores são: a falta de formação dos professores, a demanda de tempo necessário para planejar as aulas com as tecnologias e a baixa carga horária. Esses fatores, compreendidos também no pensamento dos autores citados acima, de fato podem vir a dificultar a inserção das TIC no plano de ensino de LI de P1. Uma vez que o uso das TIC não consta no plano de ensino de P1, as aulas ministradas com o uso dessas tecnologias sem esse planejamento prévio podem não conseguir explorar e utilizar os seus recursos da melhor maneira em sala de aula. Ao preparar um plano que contemplasse as TIC, P1 poderia desenvolver estratégias mais eficazes e utilizar recursos tecnológicos específicos para cada abordagem do livro didático e

para cada proposta de atividade, por exemplo. Para buscar maneiras de inserir o uso das TIC no plano de ensino da melhor forma, caso não haja a possibilidade do professor participar de um curso de formação/capacitação a respeito da inserção de TIC nas aulas de LI, sugere-se que ele participe de fóruns de discussão on-line, crie grupos de debate com outros professores, assista a vídeos em plataformas como o YouTube ou busque ler reportagens ou artigos sobre o tema. Assim, por meio do debate com outros colegas, novas ideias poderão surgir e poderão ser criadas alternativas para que, gradativamente, o professor consiga implementar o uso de TIC em seu plano de ensino e, conseqüentemente, aperfeiçoar esse uso em sala de aula, com os estudantes.

O conhecimento adquirido através desses debates poderá permitir ao professor ter mais agilidade e precisão na hora de planejar as aulas com o uso das TIC. Além disso, o professor poderá desenvolver um trabalho colaborativo também com seus estudantes, para que sejam construídas ideias em conjunto, a fim de que seja desenvolvido um plano de ensino que leve em consideração trabalhos e projetos com o uso de câmeras digitais, computadores e smartphones na prática pedagógica de P1.

Ao planejar uma prática pedagógica mais dinâmica por meio das TIC, o professor também poderá otimizar o seu tempo durante as aulas, no sentido de que os estudantes poderão compreender os assuntos mais facilmente. Afinal, se o planejamento contemplar o uso das tecnologias para incentivar a participação, interação e comunicação dos estudantes, estes poderão compreender os conteúdos da disciplina de LI com mais facilidade, uma vez que poderão treinar e participar do processo de construção do conhecimento.

Além das justificativas voltadas para a falta de formação dos professores em relação às TIC, à demanda de tempo necessário para planejar as aulas com as tecnologias e a baixa carga horária das aulas de LI, foi observado na fala de P1 outro motivo que pode interferir diretamente na inserção das tecnologias em seu planejamento.

P1: *Existe uma resistência em meio aos professores às aulas-show. Não sou a favor da aula show não. É bonita, boa, chama atenção, mas lá uma vez perdida. Se virar rotina, deixou de ser aula.*

P1 denominou de aula show as aulas que trabalham os conteúdos de maneira mais descontraída e que, para tal fim, incorporam recursos tecnológicos audiovisuais, brincadeiras e jogos. Essa opinião explica, em parte, a dificuldade que P1 tem em inserir as TIC em seu plano de ensino. Além desse posicionamento, P1 acrescentou que as tecnologias são trabalhos a mais e que, se usadas com os estudantes, irão mais atrapalhar do que ajudar. Por outro lado, P1 reconhece que precisa se atualizar quanto a esse pensamento.

P1: *Os alunos se sentem incluídos dentro daquilo que eles sempre fazem. Tenho uma certa dificuldade porque não faço parte dessa geração. Tenho que me adaptar a essa geração. A gente não pode se apegar ao tradicional, tem que movimentar o interesse do estudante, que é um estudante tecnológico. Então vejo a tecnologia como irreversível. Não podemos permanecer nas condições antigas. A gente tem que mostrar algo que seja interessante; tem que abrir mão de algumas tradições.*

Diante do que foi colocado por P1, é possível perceber que ele, apesar de demonstrar resistência ao que denominou de aula show, mostra-se aberto às possibilidades das novas tecnologias e na inserção das TIC no seu plano de ensino, ao refletir sobre o perfil dos estudantes, que, conforme relatado pelo docente, são discentes tecnológicos. Além disso, ao opinar que a tecnologia é algo irreversível, que é necessário abrir mão de algumas tradições e que é necessário mostrar algo interessante aos estudantes, P1 demonstra uma postura flexível quanto às mudanças que podem ser feitas em seu plano de ensino, a fim de que sejam inseridas as TIC no seu planejamento. Com um plano voltado para a inserção das TIC na sua prática pedagógica, poderão ser trabalhadas de maneira mais efetiva a comunicação, a interação e a participação ativa dos estudantes em meio aos conteúdos de LI.

Assim, com base na fala do professor, é possível perceber que, apesar de não constar no plano de ensino o uso das TIC em sua prática pedagógica, são realizadas, mesmo que poucas, tentativas de inseri-las no cotidiano escolar de suas turmas do EM, por meio do trabalho com os computadores e projetores e atividades sugeridas com câmeras digitais e smartphones. Por outro lado, foi também possível observar, por meio da fala do entrevistado, que essa prática pedagógica se limita a

atividades de memorização e tradução, não sendo desenvolvidas, portanto, habilidades e competências comunicacionais. Júnior e Costa (2012) salientam que, ao se ter consciência das características da atual sociedade tecnologizada, termo utilizado pelos autores, é possível perceber a importância da tecnologia não somente para o ensino de idiomas, como também para outras disciplinas, por meio de recursos que, conforme explicam esses autores, são um complemento para as mais diversas propostas de ensino. Ao se ter esse pensamento como ponto de partida, acrescenta-se que as propostas de ensino de P1 podem e devem, conforme ele mesmo pontuou, ir ao encontro da realidade na qual os estudantes estão inseridos. É necessário, portanto, que P1 se aproprie dessa ideia de ir em direção aos anseios de seus discentes, busque informações a respeito da inserção das tecnologias nas aulas de LI e planeje suas aulas de maneira a tornar o uso das TIC uma prática cotidiana. Assim, poderá ser viável uma prática pedagógica que utilize as tecnologias não de maneira mecânica e técnica, mas, sim, dinâmica, participativa e voltada para a comunicação e a construção do conhecimento juntamente com os estudantes, levando-se em consideração as propostas dos PCN.

4.2.2 Plano de ensino da professora P2

O plano de ensino de P2 é bimestral. Para a análise na presente pesquisa, a professora enviou três planos do primeiro bimestre de cada uma das séries do EM. Os documentos são compostos pelos seguintes itens: capítulos do livro didático, habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes em cada um dos capítulos, estratégias didáticas e recursos que serão utilizados por P2.

Assim como o livro didático usado por P1 no C1, os capítulos do livro utilizado por P2, no C2, contêm assuntos voltados para a gramática e interpretação de texto, conforme a professora explicou durante a entrevista. Ao lado de cada capítulo detalhado no plano de ensino, são expostas as habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes, a saber: a capacidade de analisar o funcionamento das linguagens e utilizá-las em diferentes contextos; de participar de processos de produção individual e colaborativa, em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais); de debater questões polêmicas; de fazer uso do inglês como língua de

comunicação global; de explorar tecnologias digitais de comunicação e informação; de analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade. Teoricamente, essas habilidades vão ao encontro do que é exposto nos PCN e na BNCC a respeito do uso das LE, que, segundo o documento preconiza, funciona como um meio para se ter acesso ao conhecimento e, assim sendo, às várias maneiras de pensar, de criar, de sentir e de conceber a realidade.

Logo após a seção das habilidades, são colocadas pelo plano de ensino as estratégias a serem utilizadas pela professora durante o trabalho com os capítulos. Algumas dessas estratégias são: mostrar exemplos, utilizando situações da realidade; aplicar exercícios de fixação da gramática proposta e do vocabulário; propor exercícios com base em textos do ENEM e vestibulares; fazer exercícios de organizar a ordem de textos recortados em parágrafos; produzir textos; realizar exercícios escritos; explicar o conteúdo oralmente; mostrar cenas de filmes e utilizar músicas para ativar o conhecimento abordado em sala. Para que estas estratégias sejam colocadas em prática, são detalhados, no plano, os recursos a serem utilizados pela professora: livro didático, pen drive, projetor e caixa de som portátil. Por fim, é exposta a forma de avaliação das atividades propostas: através do desempenho e participação de leituras individuais e coletivas; do estudo do vocabulário; da observação do envolvimento e interação nas situações sociocomunicativas propostas e de exercícios escritos.

Ao ler o plano de ensino de P2, é possível perceber que ele contempla o que é essencial em um plano dessa natureza, pois ele abarca, além dos capítulos do livro didático, as habilidades, estratégias, os recursos e as atividades avaliativas. Entretanto, ao ser feita uma comparação com o que foi exposto pela professora durante a entrevista, é verificado que, na prática, nem todas as habilidades são, de fato, trabalhadas com a turma, como a proposta de se explorar tecnologias digitais de comunicação e informação. Apesar de essas tecnologias serem usadas em sala com o propósito exposto nas estratégias de ensino, a partir do que foi colocado por P2, a prática pedagógica da professora não contempla algumas habilidades colocadas no plano, como a que sugere a exploração das tecnologias digitais de

comunicação e informação, a fim de compreender os princípios e funcionalidades dessas tecnologias e utilizá-las de modo criativo e adequado a práticas de linguagens em diferentes contextos.

De acordo com o que foi exposto por P2 na entrevista e conforme o que consta no plano de ensino, a professora utiliza computadores, projetores, caixa de som portátil e pen drives, em sala de aula, para trabalhar com seus estudantes por meio de aulas expositivas e atividades voltadas para a memorização e para a fixação dos conteúdos em LI. Através dos slides, a professora tem a prática de explicar os tópicos neles contidos aos estudantes e projetar os enunciados das questões a serem respondidas pelos alunos. Dessa forma, pode-se perceber que o computador e o projetor exercem a mesma função que o quadro branco exerceria.

A prática pedagógica de P2, portanto, não vai ao encontro da habilidade voltada para a exploração das tecnologias digitais de comunicação e informação, visto que não explora as TIC com o objetivo de descobrir seus princípios e funções, nem propõe aos estudantes o uso de seus recursos voltado para algo mais criativo e que englobe as práticas de linguagens em diferentes contextos. Com isso posto, é perceptível que é preciso que P2 realize mudanças em sua maneira de ensinar. Assim sendo, é necessário que P2 busque formação continuada, a fim de letrar-se digitalmente, adquirir mais informações a respeito das TIC e de seus recursos e desenvolver estratégias de modo a levar para a sala de aula propostas que incentivem o uso dessas tecnologias também por parte dos discentes. Desse modo, as TIC não serão mais somente usadas, majoritariamente, como um suporte para as aulas expositivas de P2, conforme foi possível perceber durante a entrevista com a professora, como também poderá haver um trabalho de desenvolver, com o uso das TIC, atividades que contemplem aspectos da comunicação, como preconiza a Educomunicação.

Já por meio da caixa de som portátil, P2 explicou que, vez ou outra, propõe aos estudantes trabalhar a escuta através de atividades com músicas em inglês e filmes estrangeiros. A professora disse que, com o auxílio desses recursos, são trabalhadas as construções gramaticais e também o vocabulário. Conforme consta no plano de ensino de P2, a música e os filmes têm como objetivo ativar o conhecimento abordado em sala. Por trazerem pontos de vista, diferentes

perspectivas sobre diversos temas e contextos históricos de outros países, as músicas e filmes podem ser utilizados para desenvolver nos estudantes uma das habilidades propostas no plano de ensino: de analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade. A aplicação desse exercício, por sua vez, se aproxima de uma prática pedagógica mais voltada para a comunicação e para o pensamento crítico, além de convidar os estudantes a praticarem a fala em LI por meio, primeiramente, da identificação dos possíveis conflitos de interesse, preconceitos e ideologias veiculados nos discursos, e por meio dos debates a respeito dessas ideias. Assim, cada palavra aprendida em sala pode ser trabalhada dentro de um determinado contexto, os estudantes podem se comunicar entre si e com a professora e, além disso, podem ter contato, mesmo que indiretamente, com outras culturas, trabalhando, dessa forma, a LI por meio de situações reais e cotidianas. As reflexões aqui colocadas são sugestões a respeito do que é possível desenvolver ao se utilizarem filmes e músicas nas aulas de LI. Não foi possível identificar, entretanto, durante a entrevista com P2, se essas abordagens são trabalhadas na prática pedagógica da professora.

Depreende-se, portanto, que o próprio plano de ensino de P2 traz propostas voltadas para a comunicação e para o desenvolvimento do letramento digital por meio das aulas de LI. Assim, é preciso que P2 incorpore ao seu trabalho uma prática pedagógica que corresponda às propostas do plano; que os recursos tecnológicos sejam utilizados estrategicamente tanto pela docente quanto pelos estudantes, para que sejam desenvolvidas as habilidades e competências necessárias (ler, escutar, ouvir e falar) em LI. Que sejam desenvolvidas não somente essas competências, mas que também as aulas de LI sejam um espaço que ofereça, além da aprendizagem do conhecimento linguístico, o contato com áudios, vídeos e textos de falantes nativos e debates sobre os aspectos socioculturais relacionados aos costumes, culturas e hábitos estrangeiros. Além disso, é preciso que as aulas de LI sejam vistas como um espaço que também pode oferecer aos estudantes a possibilidade de aprenderem os assuntos do livro didático por meio de atividades e trabalhos que levem em conta o uso das TIC. Esse uso, por sua vez, deve estar

voltado para incentivar a participação e interação dos discentes e a produção de materiais audiovisuais ou de textos para a web, por exemplo, como uma maneira de se aprender, explorar e refletir a respeito das tecnologias, suas funções e linguagens, bem como a usar os recursos para que sejam trabalhadas a comunicação e a divulgação dos conhecimentos construídos em sala para além do prédio escolar.

Com isso em vista, o letramento digital vai contra a ideia do processo de ensino-aprendizagem como algo que possibilita o preenchimento das supostas mentes vazias dos alunos, conforme explica Xavier (2002). O autor acrescenta que essa ideia é explicada pela metáfora da educação bancária⁴, do educador e filósofo Paulo Freire. No contexto da prática pedagógica de P2, as TIC mencionadas pela professora são mais um suporte para expor os conteúdos do que uma ferramenta para incentivar a participação ativa dos estudantes. Os recursos tecnológicos não são, portanto, usados de maneira inovadora no processo de ensino-aprendizagem adotado por P2: os estudantes permanecem apenas sendo receptores do conteúdo, não sendo lhes dada a oportunidade de serem protagonistas do seu aprendizado e de explorarem as tecnologias digitais de informação e comunicação.

A proposta de letramento digital trazida pelo plano de ensino em questão pode ser concretizada, assim, a partir do momento em que a professora passa a ter um certo domínio das tecnologias para que possam utilizá-las em suas aulas de forma efetiva. Assim, seria possível mediar o ensino dos estudantes para que estes utilizem as tecnologias criticamente para seu próprio aprendizado.

4.2.3 Plano de ensino da professora P3

A professora P3 explicou que não tem um plano de ensino elaborado por ela. Como guia de suas aulas, utiliza as instruções contidas nas primeiras páginas do livro de LI de cada uma das três séries do EM do C3. O planejamento dos livros começa com uma frase motivacional e traz um texto introdutório a respeito dos

⁴ Para Freire, o termo “bancário” significa que o professor vê o aluno como um banco, no qual deposita o conhecimento. Na prática, quer dizer que o aluno é como um cofre vazio em que o professor acrescenta fórmulas, letras e conhecimento científico até “enriquecer” o aluno.

assuntos que deverão ser abordados com os estudantes ao longo do ano; apresenta as habilidades a serem desenvolvidas por eles ao estudarem esses assuntos (leitura e escrita); reflete sobre as propostas da BNCC; aponta o papel da LI na sociedade e sugere tecnologias e metodologias que podem ser utilizadas durante as aulas, levando em consideração as características, limites e possibilidades de cada instituição.

Os assuntos dos capítulos das três séries do EM trazem a mesma proposta dos livros didáticos do C1 e do C2 e dizem respeito ao desenvolvimento de, conforme consta no material, “conhecimentos sólidos da estrutura gramatical e do léxico da LI e de uma base consistente para que o estudante seja bem sucedido em exames como o Enem e outros vestibulares”. O planejamento que o livro traz também explica que as propostas foram pensadas para, conforme suas palavras, “apresentar e praticar os conhecimentos linguísticos gradualmente e desenvolver estratégias para a compreensão leitora de gêneros variados, que costumam aparecer em exames e em provas”. Para tanto, as orientações trazidas pelo livro priorizam o oferecimento de um ambiente propício para o pensamento intenso e crítico, trecho retirado de uma frase motivacional do início do texto. Esse ambiente se caracteriza, segundo o livro, pelo acesso à informação e pela importância da LI. O material didático explica que essa importância se caracteriza pelo fato de que é por meio do aprendizado da LI que o estudante poderá ampliar sua visão e conhecimento de mundo, sendo o inglês “uma ferramenta essencial para ter acesso a conhecimentos diversos.”

Além disso, o texto introdutório aponta que o principal caminho para o conhecimento é por meio das TIC e fundamenta sua afirmação com base no que é colocado pela BNCC (2018, p. 9)

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Nesse sentido, o livro também comenta que a BNCC (2018) mostra que, no EM, a contextualização do exercício da linguagem nos mais variados campos de atuação leva aos estudantes a possibilidade de explorar as diferentes formas de utilizar a LI na cultura digital, nas culturas juvenis e em estudos e pesquisas, como também lhes possibilita ampliar as perspectivas em relação tanto à vida pessoal quanto à vida profissional. Por fim, por um lado, o livro reconhece os limites relacionados à infraestrutura de algumas escolas no que se refere ao acesso às tecnologias e, por outro, sugere práticas de ensino por meio das TIC às escolas que dispõem desses recursos e sugere aos estudantes que as utilizem para que possam aprender de maneira autônoma.

Pode-se perceber que, apesar de não ter um plano de ensino próprio, P3 conta com o auxílio do planejamento que vem nos próprios livros didáticos. Estes, se por um lado, continuam a dar prioridade para a leitura, a escrita e a gramática, por outro, reconhecem que, geralmente, as escolas contam com turmas bastante numerosas, onde os estudantes se sentam em frente ao quadro para assistirem às aulas e dispõem de uma baixa carga horária para que seja trabalhado o viés comunicativo da LI. A partir dessas observações, as orientações do livro sugerem ferramentas digitais para que os docentes insiram, de fato, a tecnologia em sua prática pedagógica, reconhecendo o importante papel do inglês na sociedade e a necessidade de modernizar o processo de ensino-aprendizagem com o auxílio dos meios tecnológicos. Desse modo, ao sugerir que sejam utilizadas ferramentas digitais em sala de aula e incentivar o aprendizado autônomo dos discentes, o planejamento do livro se mostra congruente às perspectivas atuais de ensino, que colocam o professor também como um mediador do aprendizado e não somente como um possuidor único de conhecimentos.

A prática pedagógica de P3, de acordo com o que foi colocado por ela durante a entrevista, vai ao encontro do que é proposto pelo planejamento dos livros didáticos. O processo de ensino-aprendizagem se dá por meio de uma perspectiva que trabalha com recursos tecnológicos em sala de aula e incentiva os estudantes a darem continuidade e expandirem seus conhecimentos em LI, tanto em aula quanto em casa, por meio das tecnologias. Como exemplo, há a criação das paródias e sua divulgação pelo YouTube e as propostas de atividades e projetos que levam em

consideração o uso das TIC, como a atividade dos panfletos feitos por meio do Google Desenhos e o projeto do Feriado de São Patrício.

Por meio da música, P3 leva aos seus estudantes uma proposta de comunicação, ao convidá-los a cantar as músicas e, assim, conforme explicou durante a entrevista, fazer com que treinem a parte mais complicada da gramática da LI. Essa prática da professora está de acordo com o que é sugerido no planejamento do livro didático, o qual indica diversos recursos tecnológicos ao final dos módulos a serem utilizados pelas escolas que dispõem de TIC necessárias para agregar ao processo de ensino e aprendizagem músicas, vídeos e outros materiais. Estes outros materiais são aplicativos, dicionários on-line, sites, séries de TV e músicas em inglês sugeridos pelo livro para que os estudantes tenham acesso à LI e aprendam também em casa, de maneira autônoma. Conforme explicado por P3, também são abertos espaços para que os estudantes, na escola, possam assistir a vídeos de nativos de LI e, assim, possam melhorar os aspectos relativos não somente à compreensão oral, como também à leitura, por meio do auxílio das legendas.

Os livros didáticos também são incisivos em relação às habilidades a serem adquiridas pelos estudantes, ao trazerem as competências a serem trabalhadas ao longo do ano letivo. Essas competências, de acordo com os livros, se referem à aplicação das tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a vida. Além disso, as competências também são voltadas para a capacidade de conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais e a aptidão para entender os princípios, a natureza, a função e os impactos das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social. A competência voltada para o uso da(s) língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais também prioriza a capacidade de desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.

Em relação às competências, P3, conforme explicou na entrevista, aplica as TIC na escola para que os estudantes pesquisem, criem e divulguem seus próprios produtos midiáticos nas apresentações dos projetos propostos pela professora. A docente também busca utilizar a LI como uma forma para se ter acesso a outras culturas e modos de pensar de diferentes grupos sociais, como foi possível perceber a partir dos relatos feitos durante a entrevista. Para tanto, conforme explicado por P3, ela sugere que os estudantes assistam a vídeos de nativos por meio da plataforma Youglish. Assim sendo, é possível perceber que, ao utilizar as TIC em diversos contextos, para diferentes finalidades, dentro ou fora da sala de aula, P3 trabalha com seus estudantes o pensamento crítico a respeito das funções, possibilidades, consequências, dos impactos e possibilidades das TIC na sociedade. Nesse contexto, Silva e Branco (2015) reforçam a ideia de que se deve pensar o ensino da LE a partir das formas de produção e de organização da vida em sociedade. Os autores também defendem a importância de se ensinar o idioma partindo da reflexão de seu uso e função efetivos em vez de se pensar o estudo da língua como se ela fosse somente um simples instrumento, a ser explorado unicamente sua respectiva gramática normativa, como acontece no processo de ensino-aprendizagem de línguas que deixaram de existir.

O uso de aplicativos de troca de mensagens para incentivar a conversação e a prática da LI, bem como sua utilização como uma plataforma de jogo e competição também confere à prática pedagógica de P3 uma perspectiva diferenciada e que propicia momentos mais dinâmicos, interativos e participativos, algo sobre o qual o plano de ensino se refere. Morán (2015) explica que, para as gerações que são acostumadas a jogar, a linguagem voltada para desafios, recompensas, competição e cooperação é atraente e de fácil percepção. Assim, pela fácil aceitação dessa linguagem por parte dos discentes, cabe ao professor ser um articulador das etapas individuais e grupais, como aconteceu durante a realização da Olimpíada de LI pelo WhatsApp, de acordo com o que foi explicado por P3. expor algo que reafirme a prática da docente com as orientações do livro.

De modo geral, ao analisar o planejamento do livro didático e compará-lo com os dados obtidos por meio da entrevista com P3, no que se refere ao uso das TIC, pode-se perceber que, seguindo a proposta do livro, a professora encontra caminhos

para estabelecer uma prática pedagógica considerando a comunicação e a participação dos estudantes. Em meio às abordagens consideradas tradicionais, como o ensino de LI que tem como prioridade a gramática, as TIC são utilizadas de maneira a propiciar a dinamização do ensino, reconhecendo o importante papel do inglês na sociedade e a necessidade de buscar novas maneiras de inserir a tecnologia no processo de ensino e aprendizagem.

4.3 Respostas do questionário enviado aos estudantes

O questionário buscou coletar dados a respeito da experiência dos estudantes dos professores P1, P2 e P3 quanto ao uso de TIC na prática pedagógica desses docentes. Os estudantes puderam responder se os seus respectivos professores de LI usam, como usam as TIC nas aulas e quais costumam utilizar. Além disso, disseram se acham ou não importante o uso dessas tecnologias pelos professores e explicaram seus pontos de vista.

Para responderem ao questionário, ficaram livres para marcar as opções disponíveis nas perguntas e/ou acrescentar mais alguma, se fosse o caso. Também foi oferecido um espaço para que os respondentes comentassem se são propostos projetos ou atividades com o uso das TIC e se esses projetos e atividades são compartilhados seja entre os estudantes da turma, de toda a escola ou com a comunidade exterior ao ambiente escolar. A respeito dos recursos oferecidos pelas TIC, Kenski (2003) aponta as possibilidades educativas por meio do acesso à internet, ao refletir que ela não é apenas um meio para se obter informações, como também um espaço para serem comunicadas, divulgadas e oferecidas as informações e atividades realizadas no ambiente escolar. Assim, por meio do compartilhamento das atividades, é possível que os estudantes desenvolvam práticas voltadas para a comunicação com o ambiente exterior à escola, o que pode possibilitar um aprendizado em conjunto com a sociedade. E, além disso, podem se aperfeiçoar, no que se refere aos recursos oferecidos pela web, a fim de melhor utilizá-los, posteriormente na vida acadêmica ou no mercado de trabalho, por exemplo. Já nas perguntas abertas, os estudantes puderam descrever as possíveis diferenças percebidas por eles entre as aulas em que os professores fazem o uso

das TIC e as que não são utilizados seus recursos. Por fim, os respondentes foram convidados a darem suas opiniões, de modo geral, a respeito das tecnologias.

4.3.1 Respostas dos estudantes do professor P1

Todos os cinco estudantes do professor P1 responderam que o C1 dispõe de TIC. Destes respondentes, três afirmaram que P1 utiliza tecnologias como internet, smartphones, câmeras, computadores e projetores em suas aulas e dois responderam que são utilizadas as TIC citadas acima, com exceção dos smartphones e das câmeras. Dois respondentes, por sua vez, afirmaram que câmeras e smartphones não são adotados por P1. Apesar de não haver unanimidade nas respostas em relação às tecnologias usadas pelo docente, percebe-se que há a ratificação de que P1 utiliza alguma tecnologia nas aulas.

Os estudantes foram unânimes quanto à importância do uso das TIC nas aulas de LI e três afirmaram que acham importante o uso das TIC porque essas tecnologias oferecem materiais que não estão presentes nos livros didáticos, como áudios, vídeos e com interação próxima do real entre as pessoas. Dois, por sua vez, disseram que acham importante pois fica mais fácil de entender o que o professor está explicando, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com o que foi exposto por P1 durante a entrevista, os computadores e projetores, tecnologias mais utilizadas por ele, servem como suporte para mostrar os slides aos estudantes. Não são usados, portanto, na prática pedagógica, para a produção de materiais audiovisuais, por meio de câmeras, smartphones ou gravadores. A resposta dos outros dois estudantes, em relação ao melhor entendimento das atividades quando esta é explicada com o auxílio das TIC, vão ao encontro do que foi colocado por P1:

P1: *As tecnologias contribuem pro processo de ensino-aprendizagem, pois aceleram o aprendizado e a maioria dos alunos presta mais atenção, além de que, com a tecnologia, eles podem participar indo lá na frente pra jogar o jogo da força.*

Por outro lado, P1 utiliza o aplicativo Duolingo para propor atividades complementares a serem realizadas em casa. P1 traz, então, materiais e atividades

que não estão nos livros didáticos. Além disso, o Duolingo promove uma maior participação e interação entre os estudantes, uma vez que, conforme o professor explicou, o aplicativo oferece prêmios virtuais à medida que os estudantes respondem às questões e avançam de nível. Por fim, o aplicativo mostra um ranking com a pontuação dos melhores colocados. Essa explicação pode ser ratificada conforme o que foi colocado por E1p¹ no questionário, ao afirmar que, quando são propostas atividades com o uso das TIC, os estudantes têm mais interesse em aprender. Essa prática de P1 faz com que os estudantes utilizem uma tecnologia possivelmente comum em seu cotidiano, o smartphone, para um fim educativo, onde quer que o aprendiz esteja. Por meio do Duolingo, os estudantes podem exercitar a fala e a compreensão oral através das atividades propostas pela plataforma, ao mesmo tempo em que podem, por se tratar de um jogo, se divertirem no processo de aprendizagem da LI.

No que se refere a propostas de trabalhos e atividades com o uso das TIC por P1, quatro estudantes afirmaram que são propostos trabalhos e um afirmou que não são propostos trabalhos. Metade dos estudantes que disseram que são propostos, pontuou que os trabalhos são compartilhados entre os estudantes da turma e da escola e a outra metade pontuou que são compartilhados apenas entre os estudantes da turma. Ao comparar essas respostas com os dados obtidos por meio da entrevista com P1, é possível perceber dois pontos: por um lado, são propostas pelo professor atividades para casa pela plataforma Duolingo e atividades com o suporte dos slides, como a do Hangman. Tanto um quanto outro, de fato, não podem ser compartilhados, visto que não é uma produção dos estudantes. Por outro lado, o projeto “Eu vi Recife, eu vi o mundo” leva a proposta de produções midiáticas por parte dos estudantes e, ao final do projeto, o material obtido, no caso as fotos com as legendas, foi compartilhado com os estudantes da turma e da escola, o que comprova as respostas que afirmam haver divulgação das produções no ambiente escolar, extrapolando a sala de aula.

O compartilhamento desses projetos, entretanto, conforme afirmado pelo professor durante a entrevista e por alguns estudantes no questionário, não é estendido à comunidade exterior à escola. Durante a entrevista, P1 afirmou que planeja fazer algo nesse sentido, pois, segundo ele, os resultados das atividades

dos estudantes ficaram tão bons que precisavam ser compartilhados com a sociedade. Desse modo, pode-se perceber que P1 mostra-se disposto a incorporar novas estratégias à sua prática pedagógica. Esse posicionamento do professor pode ser visto como algo positivo, uma vez que, por meio do compartilhamento das atividades, poderão surgir comentários, sugestões e ideias por parte da comunidade exterior ao colégio. Esse retorno poderá incentivar os estudantes e professores a criarem novos projetos, levando em consideração as possíveis demandas da sociedade, os assuntos que estão em pauta no momento e a melhor maneira de se agregar as abordagens do livro didático aos projetos com as TIC, seja por meio de textos, áudios, vídeos ou imagens para a concretização desses projetos.

Já no que se refere a diferenças percebidas entre as aulas ministradas com e sem o uso das TIC, quatro estudantes percebem alguma diferença e um não percebe. Em uma das perguntas abertas do questionário, os estudantes tiveram a oportunidade de explicar quais são as diferenças observadas por eles.

E1p¹: *A tecnologia ela ajuda como ela também atrapalha, as vezes temos problemas como a falta de conexão. A aula sem ela é divertida mais fica aquela aula sem graça e repetitiva de sempre, mais com ela a interação entre os alunos e os professores é maior, principalmente quando eles trazem propostas diferentes para as aulas fazendo com que o aluno tenha mais interesse em aprender o que está sendo dado.*

E4p¹: *As aulas sem as TIC não são tão dinâmicas, normalmente são mais paradas e fica difícil de focar no assunto. Além disso, fica mais difícil de acompanhar o pensamento do professor e de realizar as atividades, entre outros.*

O estudante E1p¹ descreveu as questões positivas em relação ao uso das TIC pelo professor e pontuou um momento em que a tecnologia pode atrapalhar a aula, como quando a conexão de internet falha. Para E1p¹, as aulas ministradas sem a presença das TIC são divertidas, mas, ao mesmo tempo, são sem graça e repetitivas. Com isso posto, demonstrou preferência pelas aulas ministradas com a presença das TIC, pois há, segundo o estudante, uma maior interação entre os alunos, e os professores e os discentes se sentem mais interessados em aprender o conteúdo. Outros estudantes, como E4p¹, expuseram opiniões que complementam as colocações de E1p¹, ao afirmarem que as aulas que fazem uso de tecnologias são mais dinâmicas. O posicionamento destes estudantes confirma o que foi

colocado por P1, que explicou que percebe que há uma maior participação, interesse e interação dos estudantes durante as aulas que são realizadas com o uso das TIC pelo docente.

Dois estudantes, por sua vez, afirmaram que as aulas sem as TIC se caracterizam pela falta de dinamicidade, pela dificuldade de focar no assunto em questão e de realizar as atividades. Os estudantes também disseram que, com as TIC, por outro lado, as aulas são mais divertidas, interativas, possibilitam o melhor entendimento dos assuntos pelos estudantes e descomplicam a aula no sentido de que as anotações a serem feitas por eles já constam no slide. O aluno que disse não perceber diferenças com o uso das TIC, por sua vez, afirmou, ao final do questionário, que acha importante a presença das TIC na prática pedagógica do professor, pois fica mais fácil de entender o que o docente está explicando.

E3p1: *É ótimo o uso de tic nas aulas. Dá pra entender mais os exemplos”.*

A partir das análises das respostas dos estudantes, pode-se perceber que há uma grande aceitação das tecnologias e a preferência pela utilização de seus recursos nas aulas de LI. Estas opiniões podem ser explicadas por meio das ideias de Morán (2015), que argumenta que as tecnologias aumentam as possibilidades de pesquisa on-line; de levar para os estudantes materiais importantes e atualizados; de comunicação entre professores, alunos e outras pessoas; de se criar conteúdos e difundir projetos e atividades, sejam elas individuais ou grupais, para além das fronteiras físicas do prédio escolar. Entretanto, foi possível notar, por meio da entrevista com P1, que, em suas aulas, as TIC não são usadas para as finalidades colocadas acima.

Ao final do questionário, os estudantes expuseram suas opiniões a respeito das TIC. Os respondentes listaram algumas vantagens da inserção das TIC nas aulas de LI, no que se refere à estratégia de ensino, oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento para além do que é proposto pelo livro didático.

E2p1: *Acho interessante, prático e é um ótimo meio para facilitar a aprendizagem e prender melhor a atenção daqueles que se distraem facilmente nas aulas.*

E4p¹: *O uso das TIC torna as aulas mais interessantes e didáticas, ou seja, além de conquistar a atenção do aluno ele compreende facilmente o assunto. Fora isso, é uma oportunidade para ampliar o conhecimento de forma geral, por exemplo, ao trazer uma música, vídeo, etc., o estudante não só entende a matéria, mas também adquire um conhecimento além desse, seja cultural, moral, científico, entre outros. As TIC só trazem vantagens para o aprendizado.*

As opiniões de E4p¹ são apenas suposições a respeito das TIC e não correspondem ao processo de ensino-aprendizagem adotado por P1, conforme foi possível verificar, ao ter sido realizada uma comparação desses dados com o que foi dito pelo professor durante a entrevista. O respondente E4p¹, além de citar as características das aulas por meio das TIC e seus efeitos nos estudantes, citou as possibilidades oferecidas pelas tecnologias. Como exemplo, opinou que os estudantes, além de aprenderem o conteúdo de LI em si, podem abranger os conhecimentos relacionados à cultura, à moral e à ciência, seja por meio de uma música ou de um vídeo. Mais uma vez, é importante ressaltar que essa é uma suposição do estudante a respeito do uso das TIC em sala de aula e não ratifica o que foi colocado por P1 na entrevista, a respeito de sua prática pedagógica.

Conforme explicam Júnior e Costa (2012), as tecnologias, como a internet, colocam em evidência as diferentes línguas, formas de pensar, diferentes comunidades e estilos de vida. Com isso em vista, P1 poderia usar a internet em suas aulas, de modo a permitir que os estudantes também a utilizassem. Por meio do acesso a jornais internacionais em LI, vídeos no YouTube e escuta de podcasts, P1 poderia sugerir uma atividade de compreensão oral, vocabulário e até mesmo uma atividade de tradução, além de proporcionar o contato dos discentes com diferentes formas de pensar, diferentes comunidades e estilos de vida. Assim, conforme E4p¹ respondeu, chamaria mais atenção do estudante e levaria a ele não somente o conhecimento técnico como também a respeito da cultura e da moral dos povos que falam a LI.

A partir das colocações acima, é possível afirmar que, com o auxílio das TIC nas aulas de LI, é conferida à prática pedagógica dos professores uma característica que, quando realmente colocada em prática, pode vir a contemplar as visões de mundo de diferentes camadas da sociedade e a possibilidade de se acessar materiais autênticos, ou seja, ir além do conteúdo proposto no material didático.

Contudo, conforme pontuado, essas não são características da prática pedagógica de P1, conforme explicado por ele durante a entrevista e ratificado pelo plano de ensino e as respostas dos estudantes.

4.3.2 Respostas dos estudantes da professora P2

Das três estudantes que responderam ao questionário, duas afirmaram que o C2 dispõe de TIC e uma afirmou que o colégio não dispõe dessas tecnologias. Uma resposta, portanto, não ratifica o que foi dito por P2, que afirmou durante a entrevista que o C2 dispõe “de tudo que você possa imaginar.” Das duas estudantes que responderam positivamente a respeito da presença das TIC no C2, uma informou que P2 utiliza somente projetores e uma afirmou que a professora utiliza internet, smartphones, computadores e projetores em suas aulas. Esta última resposta se aproxima mais do que foi constatado na entrevista e na análise do plano de aula de P2, que utiliza, majoritariamente, conforme exposto em suas respostas e plano de aula, os projetores em suas aulas, bem como o computador e, mesmo que raramente, também utiliza os recursos dos smartphones e da internet.

Quanto à importância do uso das TIC nas aulas de LI, duas respondentes acham que esse uso é importante porque essas tecnologias oferecem materiais que não estão presentes nos livros didáticos, como áudios, vídeos e interação próxima do real entre pessoas. Uma respondente, por sua vez, acha importante porque tornam as aulas mais interessantes, pois trazem elementos mais dinâmicos para a sala de aula. Conforme foi possível perceber na entrevista com P2, são utilizados materiais que não são encontrados nos materiais didáticos, como por exemplo as músicas e os filmes que ela leva para os estudantes treinarem a escuta e o vocabulário. Por meio da caixa de som, P2 coloca os áudios para tocarem e trabalha o conteúdo com seus estudantes, que, segundo ela, se sentem mais motivados a participarem e interessados pela aula. Essas atividades podem ajudar a exercitar competências e habilidades a serem desenvolvidas em LE Moderna, preconizadas pelo PCN (2000, p. 32), como “compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais” e “compreender

em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.”

No que se refere aos trabalhos e atividades propostos com o uso das TIC, duas estudantes responderam que não há propostas nesse sentido e uma afirmou que são propostos trabalhos e que eles são compartilhados somente entre os estudantes da turma, algo que, segundo colocado por P2 na entrevista, é realizado em sua prática pedagógica. A professora afirmou, durante a entrevista, que, de vez em quando, pede que seus alunos assistam a algum filme estrangeiro e apresentem para a classe determinados pontos a respeito do que assistiram, a fim de praticar a habilidade da fala em LI. Assim, a docente incentiva os seus estudantes a treinarem a LI assistindo aos vídeos seja por meio do smartphone, tablet, computador ou Smart TV. Por meio dessas atividades (das músicas e dos filmes) P2 realiza uma das estratégias do seu plano de ensino: “mostrar cenas de filmes e utilizar músicas para ativar o conhecimento abordado em sala.”

Ao propor filmes e músicas para os estudantes como atividade, P2 incentiva os estudantes a realizarem o que foi proposto, por meio de tecnologias. Ao agregar esses aparelhos ao processo de aprendizagem, P2 incentiva os estudantes a participarem mais ativamente no processo de construção do conhecimento, ao terem a possibilidade de usar e refletir sobre linguagens e recursos aos quais, provavelmente, os jovens estão acostumados.

Quanto às diferenças percebidas entre as aulas ministradas com e sem o auxílio das TIC, duas das estudantes respondentes percebem alguma diferença, enquanto que uma estudante não percebe.

E1p²: *A interação aumenta com o uso dos "TIC" e com maior interação, o aprendizado torna-se fluído e interessante, além de que a memorização é estimulada durante o processo.*

E2p²: *Sem as TIC as aulas ficam monótonas e cansativas.*

A estudante E2p² teceu comentários que salientam a participação, a interação e a fluidez no aprendizado dos discentes, por meio do uso das TIC. Entretanto, ao se comparar com o que foi dito por P2, com exceção das atividades por meio de

músicas e filmes, não há outros momentos em sala de aula que promovam a interação dos estudantes. Uma outra respondente, por sua vez, explicou que as aulas sem as TIC são monótonas e cansativas. O posicionamento dessa discente confirma o que P2 afirmou durante a entrevista, ao dizer que as aulas ministradas com o auxílio dos slides chamam mais atenção e deixam os alunos mais interessados no que está sendo explicado. É importante salientar, porém, que, se por um lado o uso dos slides volta o interesse do estudante à aula, por outro, esse uso não corresponde a uma prática que promove a interação e comunicação dos estudantes, nem corresponde a uma maneira que possa auxiliar na formação dos estudantes a respeito do uso das TIC. Além disso, os slides também não conferem às aulas uma característica de dinamicidade, no sentido de incentivar que os discentes participem ativamente das aulas como proporciona o uso das TIC para que sejam explorados textos e materiais audiovisuais de falantes nativos da LI, por exemplo. A exploração desses textos e materiais produzidos por falantes nativos da LI poderia permitir que fossem debatidos não somente os assuntos voltados à gramática e à interpretação de texto, como também poderia ser aprendido sobre questões socioculturais dos países que falam a LI como idioma materno.

Ao final do questionário, os estudantes expuseram, de modo geral, suas opiniões a respeito das TIC.

E2p²: *O uso de músicas, trechos de filmes e vídeos tornam a aula mais agradável e não cansa tanto quanto uma aula normal sem as TIC e, vale constar que o uso da tecnologia no cotidiano é fato na vida de muitos alunos, então unir isso ao quesito pedagógico é uma ótima maneira de estimular os alunos a estudarem.*

E3p²: *Nos tira da mesmice que é pegar um livro e ouvir o professor fala, com a tecnologia inclusa além de nos trazer facilidade tanto no aprendizado como na estrutura da aula torna o professor e aluno mais próximos havendo interação entre eles.*

A estudante E2p², ao listar o uso de músicas, filmes e vídeos, reafirma as colocações feitas por P2 sobre sua prática pedagógica e reforça as informações contidas no plano de ensino a respeito dos recursos tecnológicos a serem utilizados pela professora em sala de aula. Também foram encontradas, no questionário, respostas que ressaltam que é fundamental a inserção das TIC nas aulas de LI. Como justificativa para essa opinião, foi explicado que essas tecnologias tornam as

aulas mais dinâmicas e interativas e possibilitam que os estudantes busquem informações além daquelas que estão disponíveis nos livros didáticos. Ademais, vale destacar o comentário de E2p², que afirmou que usar as TIC na prática pedagógica é uma maneira de estimular os discentes a estudarem, uma vez que as tecnologias, conforme pontuado pela respondente, fazem parte do cotidiano de muitos alunos. Esse comentário não ratifica o posicionamento de P2, que afirmou durante a entrevista que quando utiliza tecnologias como o smartphone, em sala de aula, para fins didáticos, os estudantes se distraem e utilizam o aparelho para outra finalidade. Diante do que foi exposto pela professora e pela estudante, fazem-se necessárias uma reflexão a respeito de como essa tecnologia está sendo utilizada com os estudantes e uma análise sobre as possibilidades de melhoria desse uso. Poderá também ser desenvolvido um debate com os estudantes para que os docentes possam ouvir deles outras ideias e possibilidades de implementação das TIC nas aulas de LI, a fim de que elas não sejam uma distração e sim um auxílio.

4.3.3 Respostas dos estudantes da professora P3

Os três estudantes de P3 que responderam ao questionário informaram que o C3 dispõe de TIC. Dois discentes afirmaram que são utilizadas por P3 tecnologias como internet, smartphones, computadores e projetor. Um respondente, por sua vez, afirmou que P3 utiliza as tecnologias citadas acima, com exceção do smartphone. As respostas dos dois primeiros discentes confirmam o que foi dito na entrevista com P3, a qual afirmou que além dessas tecnologias também faz o uso de aparelhos de som e câmeras.

A primeira estudante respondeu que acha importante a inserção das TIC nas aulas porque oferecem materiais que não estão presentes nos livros didáticos, como áudios e vídeos e possibilitam interação próxima do real entre as pessoas. Essa afirmação corresponde à prática pedagógica de P3, conforme o que foi dito pela professora durante a entrevista, uma vez que a docente afirma trabalhar conteúdos que não estão presentes no material didático por meio de plataformas como Google Desenhos, Youglish e Kahoot!. Além disso, P3 promove uma interação entre os estudantes, através da Olimpíada de Língua Inglesa pelo WhatsApp. Essa prática

adotada por P3, de trabalhar com as plataformas citadas acima, por sua vez, é mais flexível, no sentido do estudante poder aprender seja na escola, seja em casa, e se caracteriza por oferecer ao estudante materiais que poderão ajudar no seu aprendizado, para além dos assuntos abordados na escola. Ao sugerir aos seus estudantes que estudem a LI com a ajuda de ferramentas como o Youglish e o Kahoot!, a prática pedagógica de P3 se encaixa em um processo pedagógico que coloca o estudante no centro da busca por informações e da construção do conhecimento.

A segunda estudante, por sua vez, ressaltou que o uso das TIC nas aulas de LI é importante porque facilita a compreensão do que está sendo explicado pelo professor e contribui para o processo de ensino-aprendizagem. P3 explicou que percebeu resultados positivos no rendimento escolar de seus estudantes, ao propor a participação dos discentes na produção das paródias. P3 observou que eles passaram a obter notas melhores nas avaliações, após estudarem para os exames com o auxílio das letras criadas por ela. Portanto, a resposta da estudante ratifica o que foi colocado por P3 durante a entrevista.

A terceira, por fim, disse que o uso das TIC é importante porque tornam as aulas mais interessantes, pois trazem elementos mais dinâmicos para a sala de aula. As aulas mais interessantes e dinâmicas se caracterizam, conforme extraído da fala de P3, seja pela participação dos estudantes nas aulas em que são convidados pela professora a cantarem as paródias, seja por meio de projetos que envolvem as turmas do Ensino Fundamental II e do EM, como o projeto do Feriado de São Patrício.

Quanto aos projetos e atividades com o uso das TIC, todas as estudantes responderam que são propostos por P3 atividades e projetos nesse sentido. Desse total, duas responderam que esses projetos e atividades são compartilhados com os estudantes da turma e a escola e uma disse que, além de serem compartilhados com os estudantes da turma e a escola, são também divulgados à comunidade exterior à escola. Tanto uma resposta quanto a outra correspondem ao que foi dito por P3 durante a entrevista, visto que, por um lado, a professora propõe atividades a serem apresentadas somente a uma classe específica e, por outro, organiza e promove eventos de grande porte, que contam com o auxílio das TIC e envolvem

toda a escola. Por meio da elaboração e divulgação desses projetos e atividades, P3 promove a criação de espaços voltados para a comunicação não somente entre os estudantes de uma única turma, como também entre os discentes de outros anos da Educação Básica, além de incentivar o debate acerca das ideias para o projeto que é realizado de maneira colaborativa.

As estudantes também foram unânimes ao pontuarem que percebem diferenças nas aulas ministradas com e sem o auxílio das TIC.

E2p³: *Os professores que não utilizam a internet ao seu favor, ou seja, como ferramenta pedagógica, tende a ter aulas mais tradicionais, menos dinâmica e que não prende suficientemente a atenção dos alunos e nem consegue ter um alcance maior, uma vez que com a tecnologia as aulas podem ser vistas por quem está na sala de aula e por quem está remotamente. Além disso, é de suma importância o uso dessa ferramenta, dado que alguns mecanismos - como paródias e vídeos, por exemplo - possibilita a memorização e facilita o aprendizado dos alunos.*

Foi possível observar que a resposta acima se assemelha, em vários aspectos, às considerações feitas pelos estudantes de P1 e de P2, nos quesitos interação, dinamicidade e atenção. Os pontos trazidos por E2p³ sintetizam as opiniões das outras respondentes (que trouxeram afirmações que ratificam o que foi colocado por E2p³), resumem sua visão a respeito da TIC e associam essas tecnologias à prática pedagógica de P3 no que se refere ao uso de vídeos e paródias, conforme colocado pela professora. Por fim, as respondentes expuseram suas opiniões a respeito das TIC.

E2p³: Acho um avanço bem significativo, visto que a língua inglesa não é de fácil compreensão, todavia, com o uso da tecnologia os docentes têm condições de criar materiais mais dinâmicos, atrativos e de fácil compreensão/ memorização facilitando muito a vida dos discentes.

E3p³: É uma ótima ferramenta a ser usada nas aulas de língua inglesa, porque proporciona uma aula dinâmica ao alunos e faz com que o aprendizado seja mais eficaz!

É possível extrair dos comentários acima que os respondentes veem as tecnologias como algo positivo, pois, por meio delas, os professores podem criar mecanismos que tornam as aulas mais interessantes e dinâmicas. Por outro lado, não são encontradas respostas que mencionem o uso das TIC pelos estudantes. Supõe-se que, se ao serem utilizadas somente por P3, as TIC são, na avaliação dos estudantes, bem aceitas e trazem relevantes consequências ao aprendizado, então poderão ter um efeito ainda melhor caso os estudantes utilizem com frequência as TIC em sala de aula. Ao se apropriarem das tecnologias para o processo de aprendizagem, os estudantes poderão se sentir ainda mais motivados a aprender a LI. Na opinião de E2p³, a LI não é de fácil compreensão. Assim sendo, P3 poderia sugerir aos estudantes que utilizassem os recursos do smartphone, por exemplo, para que realizassem alguma atividade que lhes permitisse identificar as possíveis lacunas e dificuldades dos discentes no que se refere aos mais variados aspectos da LI. Por meio dessa participação ativa do processo de aprendizagem com o uso do smartphone, os estudantes poderiam se sentir mais motivados para aprender e, conseqüentemente, ter mais facilidade em compreender os temas explicados pela professora.

Para tal fim, é necessário que a docente trabalhe com os estudantes o letramento digital para que eles saibam usar os recursos da melhor forma e, com a prática, desenvolvam as habilidades necessárias para explorarem, de maneira independente, os recursos das TIC, a fim de buscar ferramentas que auxiliem em seu aprendizado. Neste ponto, vale a reflexão de Pereira (2011), que afirma que o letramento digital permite que os estudantes acessem diferentes tipos de texto, desenvolvam uma nova maneira de interpretá-los e ainda escolham por quais caminhos devem seguir, mediante a variedade de informações encontradas no espaço virtual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa, idealizada inicialmente a partir do convívio com o processo de ensino-aprendizagem de LI (tanto como estudante como tutora de LI), pelo interesse no que se refere à inserção das novas TIC nas práticas pedagógicas dos professores dessa área e às possibilidades de comunicação que podem ser desenvolvidas por meio das aulas de LI, possibilitou uma reflexão sobre os vários aspectos, especialmente o comunicacional, relacionados ao uso das TIC pelos professores desse idioma. Assim, através da análise dos dados obtidos por meio das entrevistas com os professores, da análise dos planos de ensino dos docentes e do questionário aplicado aos estudantes, foi possível atingir o objetivo geral do presente trabalho: investigar a prática pedagógica dos professores de escolas privadas de Belo Jardim e de Caruaru, no que concerne ao uso das TIC nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio.

Ao serem analisados os dados obtidos durante as entrevistas com os professores, foi possível perceber que dois (P1 e P2) dos três professores entrevistados usam essas tecnologias para práticas pedagógicas consideradas tradicionais, ou seja, para ministrar aulas expositivas e propor atividades voltadas à fixação do conteúdo e à memorização de regras gramaticais. Por outro lado, também são realizadas por P1 e P2 algumas tentativas de propor, por meio de aulas ministradas com TIC, uma maior participação e interação dos estudantes. No caso da prática pedagógica de P1, os limites físicos da sala de aula são ultrapassados e os estudantes podem aprender as abordagens do livro didático por meio do projeto “Eu vi Recife, eu vi o mundo”, além de interagirem entre si, com o professor, que se torna um orientador, e compartilharem os resultados com a escola. Já no que se refere a P2, ao levar músicas e filmes para a sala de aula, os estudantes se sentem mais motivados e interessados a participarem das aulas, conforme explicado por ela durante a entrevista e ratificado pelos estudantes no questionário.

Somente uma professora entre os investigados, em meio à vasta gama de conteúdos gramaticais a serem contemplados ao longo do ano letivo, trabalha tendo em vista o processo de ensino que prioriza o uso das TIC nas aulas de LI, de acordo com o que foi possível observar na entrevista da docente e demais instrumentos de

coleta de dados. Esse uso incentiva os estudantes a realizarem trabalhos em grupo, se comunicarem com as outras turmas da escola e compartilharem seus trabalhos com os colegas, além de estudarem a LI por meio de áudios e vídeos de falantes nativos do idioma.

Verifica-se, portanto, que os três docentes entrevistados ressaltaram e reconheceram a importância de se inserir a tecnologia em suas práticas pedagógicas, uma vez que os avançados recursos tecnológicos, cada vez mais, fazem parte da sociedade e oferecem inúmeras possibilidades de uso, inclusive para o ambiente escolar. Porém, as TIC são usadas por esses professores, na maioria das vezes, para a explanação do conteúdo por meio de slides e músicas, a fim de facilitar a memorização das normas gramaticais da LI, como foi possível perceber nas entrevistas realizadas.

Ainda no que concerne a P1 e P2, o que se pôde perceber foi que ambos professores apontaram que não usam com mais frequência os recursos das TIC em suas aulas por alguns motivos: pela falta de tempo para preparação das atividades, de formação e de conhecimento necessário para lidar com essas tecnologias, além da baixa carga horária prevista para a disciplina de LI nas escolas. Esses motivos justificam uma das afirmações de P1 e P2 sobre a tecnologia não dá conta do processo de ensino-aprendizagem e explicarem a falta das TIC no plano de ensino, como no caso de P1, e a não utilização das TIC para que sejam contempladas todas as habilidades e competências encontradas no plano de ensino de P2.

Entretanto, as colocações de ambos os professores durante a entrevista atribuem ao uso das TIC em sala de aula mais vantagens do que desvantagens. Por um lado, P1 afirmou que não é adepto a tecnologias como o smartphone, pois, segundo ele, os estudantes desviam a atenção para os outros recursos do aparelho. Ao mesmo tempo, P1 destacou que os estudantes participam e interagem mais nas aulas e assimilam melhor os conteúdos quando ele faz o uso de outras TIC na sua prática pedagógica. A professora P2, por sua vez, assim como P1, ressaltou que tecnologias como o smartphone mais atrapalham do que ajudam. Segundo ela, quando é proposta alguma atividade com o aparelho, os estudantes o utilizam para outra finalidade. Em contrapartida, comentou que, ao utilizar tecnologias como caixas de som portáteis para trabalhar letras de músicas durante a aula, seus alunos

se sentem mais incentivados e motivados a participarem. Para P2, além da música, recursos visuais também chamam a atenção para o assunto que está sendo abordado. Um outro ponto positivo levantado pela docente foi a otimização do tempo necessário para o planejamento de aulas, visto que os programas usados por ela automatizam boa parte do processo. Ademais, ressaltou a agilidade para propor atividades escritas aos estudantes com o auxílio dos slides.

A professora P3, no entanto, revelou participar de cursos de formação continuada e afirmou que busca se atualizar constantemente a respeito das novas tecnologias que são criadas, a fim de usá-las na sua prática pedagógica. P3 também afirmou seguir as recomendações contidas no planejamento do livro didático, que traz sugestões de recursos tecnológicos a serem utilizados em sala de aula. Assim sendo, a atitude de P3 é fundamental para que sejam atendidos os planejamentos do livro didático e as propostas dos PCN (2000) e da BNCC (2018), que preconizam não somente o uso e o domínio técnico das TIC, como frisam, especificamente, a necessidade de os estudantes terem uma visão crítica a respeito dessas tecnologias, para que saibam “selecionar, filtrar compreender e produzir criticamente sentidos em quaisquer campos da vida social” (BNCC, 2018, p. 489) e tenham capacidade de “entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social” (PCN, 2000, 12).

A necessidade de se inserir as TIC nas aulas de LI, de maneira inovadora, dinâmica e que incentive a participação e produção de mídia por parte dos estudantes é evidenciada quando pensada a partir do que é preconizado pelos documentos acima citados. P3, ao sugerir que sejam utilizadas TIC no projeto do Feriado de São Patrício, idealizado por ela, possibilita aos estudantes aprenderem a utilizar as TIC para além da parte técnica: por meio do trabalho em conjunto, entre professores e alunos. Neste sentido, é possível que eles compreendam melhor essas tecnologias e a utilizem da melhor forma possível. Já por meio da produção dos panfletos, os discentes dão início ao entendimento das possibilidades e dos limites, das possíveis vantagens e desvantagens das TIC e seus consequentes impactos no contexto social.

A leitura e uso crítico dessas tecnologias também são incentivados por P3, ao sugerir aos seus alunos o estudo da LI por meio da olimpíada realizada pelo WhatsApp. É dada a possibilidade de não somente aprender a utilizar os recursos e aprender a LI de maneira divertida, por se tratar de uma competição, como também são abertos espaços para que os estudantes reflitam sobre os impactos das TIC em diferentes aspectos da sua vida cotidiana. A docente P3 também percebeu que, após dar aulas fazendo o uso do celular e da caixa de som para reproduzir as paródias feitas por ela, os estudantes passaram a ter um melhor rendimento no que se refere aos mais diversos assuntos da LI.

Diante do exposto, foi possível perceber que os professores, dentro do espaço de tempo que lhes cabe, com os recursos que têm disponíveis e dentro dos limites de seus conhecimentos a respeito das TIC, se esforçam para inserirem propostas mais dinâmicas em suas práticas pedagógicas, mas nem sempre usam essas tecnologias de maneira a trazer inovações para o processo de ensino-aprendizagem e incentivar o seu uso pelos estudantes para a produção de materiais midiáticos e para a comunicação.

Também foi possível perceber que dois P1 e P2 têm planos de ensino próprios, enquanto que P3 utiliza as recomendações do livro didático, que, como foi possível analisar, é bem estruturado. P2 e P3 seguem os conteúdos e utilizam os recursos tecnológicos colocados nos planos, enquanto que P1, apesar de utilizar as TIC em sala, não detalha no plano como se daria esse uso.

Quanto às opiniões dos estudantes a respeito das TIC, estes reforçaram o que foi dito pelos seus respectivos professores nas entrevistas e constatado no plano de ensino. Os discentes afirmaram que seus respectivos professores utilizam TIC em suas práticas pedagógicas, atribuíram às TIC uma avaliação positiva e informaram que percebem diferenças entre as aulas ministradas com e sem o uso dessas tecnologias. Os estudantes também pontuaram que as aulas com as TIC são mais divertidas, proporcionam uma maior interação entre professores e alunos quando os docentes trazem propostas de ensino diferentes e que essas tecnologias fazem com que os estudantes se sintam mais interessados no assunto, prendendo a atenção deles e, conseqüentemente, facilitando a aprendizagem.

Os respondentes também expuseram em suas opiniões a importância das TIC e descreveram algumas possibilidades de uso dessas tecnologias em sala de aula. Ao ter sido feita uma comparação das respostas dos estudantes com o que foi colocado pelos professores durante a entrevista, pôde-se perceber que essas opiniões correspondem a suposições e projeções a respeito das possibilidades de uso das TIC nas aulas e não correspondem a um relato da prática pedagógica de seus respectivos professores.

Diante do exposto, afirma-se que é crucial que os professores dominem as ferramentas que vão utilizar com seus estudantes para que possam explorar cada vez mais e da melhor maneira as novas tecnologias. Para isso, é necessário que os docentes tenham o letramento digital necessário, para que, tendo conhecimento das possibilidades de uso das TIC na prática pedagógica, possam propor e desenvolver projetos com o uso dessas tecnologias, incentivando a produção midiática pelos estudantes, bem como a divulgação dos materiais produzidos.

Durante a análise dos dados das entrevistas, foram colocados pelos professores alguns exemplos a respeito de trabalhos que fizeram o uso das TIC, como o “Eu vi Recife, eu vi o mundo”, de P1, e o projeto do feriado de São Patrício, de P3. Tanto um projeto quanto o outro foram compartilhados com toda a escola, conforme exposto pelos docentes e confirmado pelos estudantes. A realização dessas atividades requereu um certo grau de letramento digital por parte dos docentes e dos estudantes, uma vez que foram produzidos materiais com a utilização de TIC, o que significa dizer que houve o desenvolvimento e resgate de conhecimentos para tal utilização. Esses projetos ensaiam a possibilidade de se quebrar fronteiras quanto ao uso tradicional das tecnologias, percorrer novos caminhos educacionais com os estudantes e alcançar novos horizontes quanto ao processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, como foi possível observar durante a pesquisa, muitos docentes ainda carecem de formação tecnológica e a maneira de se ensinar um idioma estrangeiro proposta pelos colégios, cujos professores foram investigados, ainda se assemelha à maneira tradicional. Além disso, as TIC não são exploradas de modo a serem trabalhadas envolvendo a comunicação entre os pares e a divulgação das produções e as competências comunicativas dos estudantes, por meio das aulas de

LI. No entanto, para a prática de LI, sugere-se que o docente busque trabalhar as competências da escuta, da fala, da leitura e da escrita. Por meio de um computador ou um smartphone com acesso à internet, ele poderá acessar vídeos com dicas de pronúncia, estações de rádio estrangeiras e diálogos reais entre nativos. Há também a possibilidade de ativar as legendas para que, pelo menos a princípio, se possa compreender melhor o que está sendo dito; pode-se avançar ou retroceder o vídeo a qualquer momento, além de poder usar a parte dos comentários para interagir com as pessoas de várias nacionalidades que também estão aprendendo. Em síntese, conforme os PCN (2000, p. 30), “a tecnologia moderna propicia entrar em contato com os mais variados pontos do mundo, assim como conhecer os fatos praticamente no mesmo instante em que eles se produzem”.

Além disso, máquinas como notebooks conectados à internet oferecem acesso a blogs, redes sociais, programas de edição e captação de áudio/imagem que podem ser articulados à proposta de ensino de LI, de maneira a incentivar os alunos a criarem conteúdos e compartilhá-los nos espaços midiáticos. Dessa maneira, os estudantes não somente terão a possibilidade de construir e ter acesso aos conhecimentos e informações de LI por meio das TIC, como também, por meio de sua participação ativa, terão a oportunidade de construir seu conhecimento por meio da elaboração de seus próprios produtos midiáticos. Aqui, acontece um movimento próprio da Educomunicação, onde se educa pela comunicação e se incentiva a comunicação pela educação.

Os estudos realizados com esse trabalho poderão servir de base para pesquisas futuras que tenham em vista buscar e propor alternativas que criem e coloquem em prática maneiras de ensinar com características voltadas para a comunicação, o acesso e a produção de produtos midiáticos através do uso das TIC nas aulas de LI. Desse modo, os discentes poderão ser sujeitos mais críticos, comunicativos no idioma em questão e conscientes das mais diversas manifestações de costumes e hábitos da sociedade multicultural na qual estão inseridos e cada vez mais conectados a ela por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, J. de C. F. **Integrando tecnologias no ensino de inglês nos anos finais do ensino fundamental** - São Paulo: Edições SM, 2012.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação**. São Paulo: Hacker, 2001
- BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Portal da Legislação, Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 09 de nov de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000.
- CANDIDO, M. **O que são a educação bancária e libertadora formuladas por Paulo Freire?** ECOA UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimasnoticias/2020/12/01/o-que-sao-a-educacao-bancaria-e-a-libertadora-formuladas-por-pfreire.htm>. Acesso em: 08 de nov de 2021.
- CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 432 p.
- FILHO, J. A. da C. **A educomunicação como meio de ensino-aprendizagem**. Orientador: Prof. Daniel Figueiredo. 2020. 46 f. TCC (Graduação) – Pedagogia, Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, Universidade Federal da Paraíba. 2020.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREITAS, J. V. **Educomunicação: contextualizando o processo de atribuição de sentidos e significados no delineamento do conceito**. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), [S. l.], v. 10, n. 2, p. 149–162, 2015.
- GASKELL, G. **ENTREVISTAS INDIVIDUAIS E GRUPAIS**. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- HASLINGER, E. de O.; SAGGIN, L.; ALBUQUERQUE, M. Z. de. **A interface da educação e comunicação para além dos muros da escola: educomunicação**

como práxis libertadora no contexto não escolar. UNESCO e VII Educom: São Paulo, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JÚNIOR, J. H. S.; COSTA, K. F. da. **O uso da tecnologia no ensino de língua estrangeira**. Revista HELB, Brasília, Ano 6, nº 6, janeiro, 2012.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e o ensino presencial e a distância**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. de A.. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ; Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Machado et al. **História do ensino de línguas no Brasil: avanços e retrocessos**. Revista HELB, Ano 1, nº 1, janeiro, 2007.

MENDES, M. da S. **Educação e Tecnologia**. Manaus, 2018.

MINAYO, M. C. de S. DESLANDES, S. F. NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MODROW, E. S. SILVA, M.B da. **A Escola e o uso das TIC: limites e possibilidades**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, Volume 1, 2013.

MORÁN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas**. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximação jovens. Vol II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

MORÁN, J. M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD: uma leitura crítica dos meios**. In: PALESTRA PROGRAMA TV ESCOLA – CAPACITAÇÃO DE GERENTES. COPEAD/SEED/MEC: Belo Horizonte e Fortaleza, 1999. p. 1-8.

OLIVEIRA, M. F. de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. CATALÃO: UFG, 2011.

PEREIRA, T. K. dos S.. **Letramento digital e ensino de língua inglesa**. In: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 1., 2011, São Cristóvão, SE. Anais eletrônicos do I Seminário Formação

de Professores e Ensino de Língua Inglesa. 18 a 20 de abril de 2011, São Cristóvão, SE: LINCUIFS, 2011, p 374-381.

PINHEIRO, R. C.; ARAÚJO, J. **Letramento Hipertextual: um amálgama de letramentos demandados em cursos on-line.** Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 55, n. 2, p. 401-430, 2016.

PINHEIRO, R. C. **Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam?** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 603-622, set./dez. 2018.

PRÓSPERO, D. **A Educação Integral na perspectiva da Educomunicação: a implementação no Programa São Paulo Integral.** 2011.

Recursos. **Instagram**, 2020. Disponível em: <https://about.instagram.com/ptbr/features>. Acesso em: 04 de nov de 2021.

ROMÃO, L C. R. **Educomunicação e Participação Cidadã de Adolescentes e Jovens, no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Interfaces da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi: 10.11606/D.27.2017.tde-08052017-110529

SANTOS, C. F. R. **Tecnologias de Informação e Comunicação.** Unicentro Paraná.

SOARES, I. de O. **Educomunicação/educação: um campo de mediações.** Revista Comunicação e Educação, São Paulo, v.19, n.12-24, set.-dez.2006.

SILVA, M. Rocha da.; BRANCO, U. V. C. **Para onde vamos: uma breve reflexão sobre o papel do ensino de Língua Estrangeira no processo de ensino aprendizagem.** Coipesu, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa.** 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TECNOLOGIA. In: Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/tecnologia> / Acesso em: 05 de maio de 2021.

VELLOSO, F. de C. **Informática: conceitos básicos.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

VIDOTTI, J. J. V. **Políticas linguísticas para o ensino de língua estrangeira no Brasil do século XIX, com ênfase na língua inglesa.** São Paulo, 2012.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação.** Algés: DIFEL – Difusão Editorial, S. A., 1999

XAVIER, A. C. dos S. **Letramento digital e ensino.** Núcleo de estudos de hipertexto e tecnologia educacional, 2002.